



Livros

**Napoleão Vem
aí! O novo livro
de Domingos
Amaral .**



**Programa do
Museu Alberto
Sampaio. Dia
Internacional
dos Museus
Pág.17**



**O aniversário
do Marquês
de Pombal.
Pág. 4**



Curiosidades sobre Fátima desconhecidas

Pág. 8



Napoleão Bonaparte e Guimarães – Foi há 200 anos

Álvaro Nunes pág.21



Hoje o suplemento sobre História de Guimarães pág.12



Paulo Freitas do Amaral – Diretor EDITORIAL



Os presos em Guimarães

As três entidades que prestavam algum auxílio aos presos em Guimarães a partir do século XVI em Guimarães eram três; o Alcaide (Câmara), o Meirinho (oficial de Justiça) e a Misericórdia de Guimarães.

Conforme a gravidade dos delitos os presos eram distribuídos por três cadeias; Pertiga, Correição e Torre do Castelo.

A propriedade das prisões eram do Alcaide e do Meirinho mas a alimentação dos presos, a limpeza das cadeias, o auxílio na doença e os apoios religiosos eram prestados pela Santa Casa que também pagava ao carcereiro.

O mais antigo relato que nos chega aos dias de hoje sobre a existência de uma prisão em Guimarães, é o da cadeia da Pertiga.

Que ao que parece deixa de existir referência nos documentos com o passar do tempo, o que nos dá a entender que se extinguiu ou perdeu importância, provavelmente tendo sido substituída pelas outras duas, a do Castelo e a da Correição.

Existe um documento muito antigo, datado de 1387 que nos diz que era na prisão da Pertiga que o perfil dos presos que se encarceravam nela eram os seguintes; "carniceiros, peixeiros, padeiras e servidores de soldada". (Arquivo Municipal, códice 1602, folha 181). A sua localização também não é referida.

A cadeia da Correição situava-se no Serralho (o beco sem saída próximo do Largo João Franco, mesmo por detrás da estátua do João Franco) e lá se encarceravam os delinquentes de pequenos e médios delitos, sendo a cadeia do Castelo reservada para criminosos com crime graves.

No entanto esta cadeia parece ser o estabelecimento prisional com mais movimento e que menos condições humanitárias detinha para os presos. Podemos verificar este facto por um excerto de uma petição dirigida ao Rei, no século XVII que faz menção às condições dos presos da Correição:

"... os presos que estão na cadeia da Correição....padecem grande necessidade, porquanto para os curarem e administrarem os sacramentos os trazem os outros presos à grade, nos braços, pela razão de na dita cadeia não haver porta para os médicos poderem entrar a curar, nem os sacerdotes a confessá-los, quanto mais a levá-los o SS. Sacramento. E quando morrem, os tiram por uma corda, por um alçapão ao sobrado de cima, por não ter na dita cadeia outra entrada ou serventia por onde possa entrar do que mais pelo dito alçapão, pelo qual se desce, com grande risco, por uma escada de mão muito alta, o que há sido causa de morrerem alguns presos à falta de remédio espiritual e corporal."

A cadeia da Correição existiu até ao final do Século XIX, tendo sofrido até lá várias intervenções. Era sem dúvida a cadeia com mais proximidade à Misericórdia.

A prisão do Castelo ficava numa torre no monumento de defesa de Guimarães e sem dúvida que era a que oferecia mais condições de segurança ficando somente vocacionada para os criminosos mais perigosos.

Os inventários dos carcereiros fazem referência à existência nesta cadeia de instrumentos de castigo e de segurança.

Num documento de inventários datado de 1669 podemos ler que estes presos "carregavam ferros"

Ao longo do tempo houve vários vimaranenses que doaram "legados" que essencialmente eram compostos de alimentos para os presos. Luís Martins da Costa, D. Josefa Maria D'Abreu ou D. Luísa Rosa Araújo entre muitos outros...

Finalmente em 1854, o chefe de distrito, fruto das opções políticas que o país vivia tomou a responsabilidade de cuidar dos presos ajudando os legados entregues à Santa Casa.

Foi então que a partir deste ano foi estabelecido dar a cada preso; "uma tigela de caldo com feijão e hortaliça, de meia canada, e meio arratel de pão de milho." (Arquivo da Misericórdia, códice 228)

Guimarães Adoro-te – Programa



Expressões com História

“Vai tudo para o maneta”, ou seja, para a destruição, desaparecimento e morte, é uma das expressões históricas e populares ligadas às invasões francesas.

Efetivamente, a expressão citada, ou a outra semelhante “mandar ou ir para o maneta”, isto é, para a tortura ou a morte, está intrinsecamente ligada ao general Louis Henri Loison (1771-1816), que perdera a mão esquerda num acidente de caça, mas que apesar de maneta, era temido pelo terror que espalhou e pelas suas pilhagens, torturas, massacres e mortes que praticou. Por isso, a expressão ficou negativamente na memória portuguesa, bem como o ódio que o povo nortenho desdenharia ao general maneta, como comprovam estes versos:

“Entre os títeres generais
Entrou um génio altivo
Que era o Diabo vivo
Ou tinha os mesmos sinais ...
Aos alheios cabedais
Lançava como uma seta,
Namorava branca ou preta,
toda a idade lhe convinha.
Consigno três “emes” tinha:
Manhoso, Mau e Maneta”.

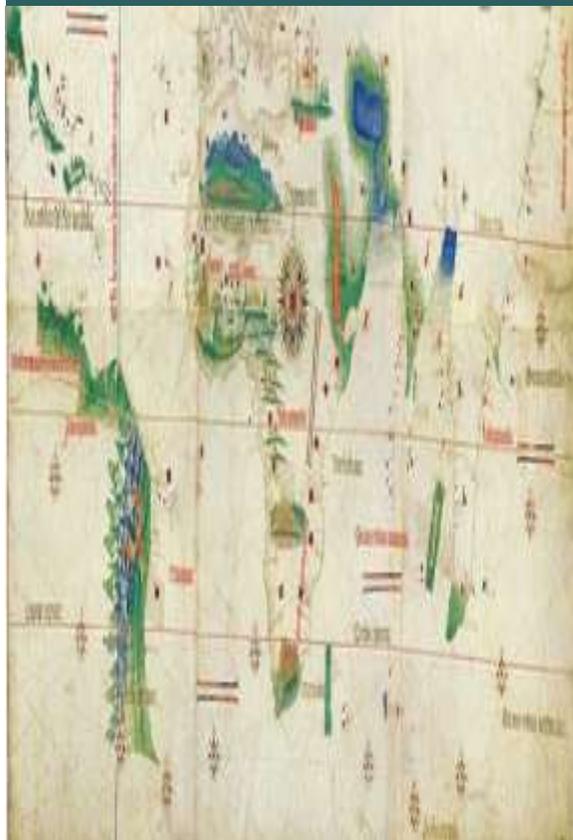
Atualmente a expressão é ainda utilizada no norte do país como significado de destruir, dar cabo de alguém ou de alguma coisa.

Outrossim se passa com a expressão “tudo como dantes no quartel de Abrantes”. Iguamente, data da época das invasões francesas, da altura em que Junot se instalou em Abrantes, a caminho de Lisboa. Uma expressão que ironicamente significa permanecer tudo na mesma e/ou não haver novidades, como na circunstância ocorria, com as tropas napoleónicas estacionadas, sem atingir Lisboa.

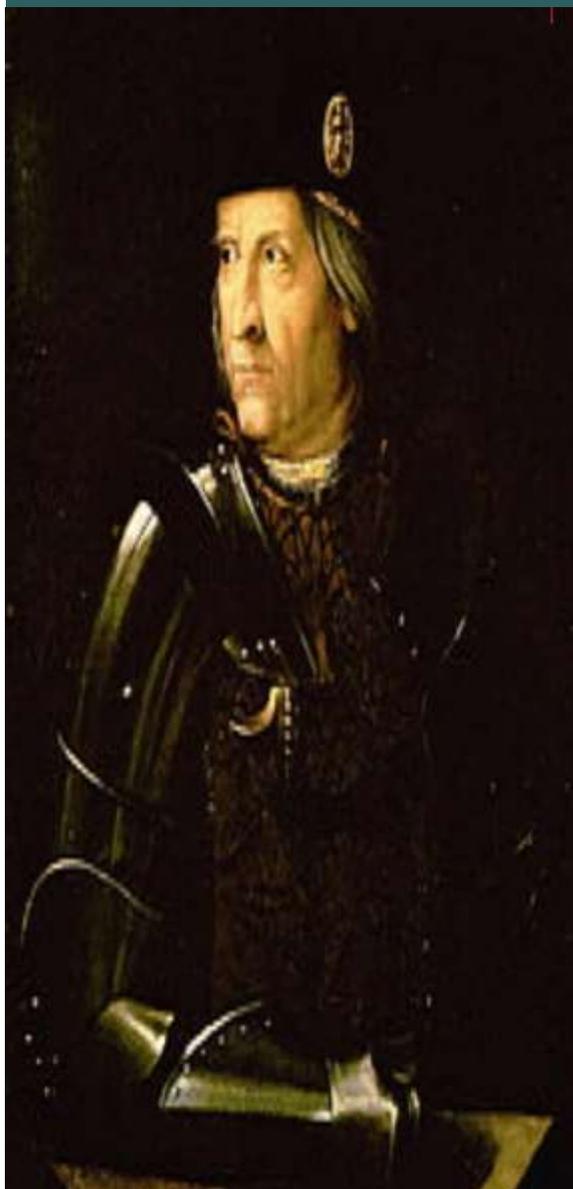
Recorde-se, a propósito e por curiosidade, que Abrantes foi uma das conquistas de D. Afonso Henriques aos mouros, em 1148.

Alvaro Nunes

Planisfério Cantino



Alberto Cantino.



O espião italiano que viveu em Lisboa e fez às escondidas o 1 mapa do mundo com Brasil representado

O planisfério Cantino foi um manuscrito português e o primeiro planisfério preservado na biblioteca Estense em Modena, Itália. Tem o nome de Alberto Cantino, um espião do Duque de Ferrara que viveu em Lisboa tendo contratado um "cartório" às escondidas dos portugueses para criar esta informação secreta onde está representada a costa do Brasil, que o contrabandeou com sucesso de Portugal para a Itália em 1502. Mede 220 x 105 cm.

No início do século XVI, Lisboa era uma metrópole movimentada onde pessoas de diversas origens vinham em busca de trabalho, glória ou fortuna. Havia também muitos agentes secretos à procura dos segredos trazidos pelas viagens portuguesas a terras remotas. Entre eles encontrava-se Alberto Cantino, enviado a Portugal, com a intenção formal de negociar cavalos, enquanto secretamente recolhia informação sobre os descobrimentos portugueses. A diligência de Cantino é demonstrada em uma de suas cinco cartas restantes ao Duque, datada de 17 de outubro de 1501, onde ele descreve, entre outras coisas, ter ouvido o explorador português Gaspar Corte Real detalhando sua última viagem à Terra Nova (Terra Nova) para D. Manuel I.

Uma teoria popular, introduzida nos primeiros estudos do mapa, sugere que o Planisfério Cantino foi encomendado a um cartógrafo oficial português, que fez uma cópia do padrão cartográfico real, o chamado Padrão Real, guardado nos Armazéns da Índia. No entanto, não há evidência histórica de que tal ordem tenha sido feita e a teoria é enfraquecida pela presença de numerosos erros. Seria de se esperar que uma cópia cuidadosamente feita de uma norma oficial, se existisse em Portugal naquela época, fosse exata.

Uma explicação mais plausível é que o mapa foi adquirido sub-repticiamente logo depois de ter sido feito para algum nobre ou cliente oficial. Por carta enviada por Cantino ao seu patrono, o Duque de Ferrara, em 19 de novembro de 1502, sabemos que ele pagou 12 ducados de ouro por ela, o que foi uma quantia considerável para a época. Uma inscrição italiana na parte de trás do mapa diz: Carta de navegar per le Isole nouam trovate in le parte de India: dono Alberto Cantino al S. Duca Hercole, que se traduz como 'Carta de navegação das ilhas recentemente [descoberto] ... em parte das Índias: de Alberto Cantino ao duque Hercole'.



Embora tenha mostrado aos italianos muitos territórios novos ainda desconhecidos para eles, ficou obsoleto em poucos meses devido às subsequentes viagens de mapeamento dos portugueses. No entanto, a sua importância para as relações comerciais luso-italianas não deve ser subestimada; esse mapa forneceu aos italianos conhecimento do litoral brasileiro e de grande parte da costa atlântica América do Sul muito antes que outras nações soubessem que a América do Sul se estendia até o sul. Ele também forneceu grandes detalhes do oceano Índico. Uma península ao nordeste de Cuba foi identificada por alguns como Florida, enquanto outros argumentam que a intenção era realmente representar parte da China, Cuba em si, ou na Península de Yucatan.

As informações geográficas fornecidas no mapa de Cantino foram copiadas para o mapa de Canerio de fabricação italiana logo depois que o mapa de Cantino chegou à Itália e o Canerio, por sua vez, se tornou a fonte primária para o desenho das terras ocidentais recém-descobertas em o mapa de parede do mundo altamente influente produzido por Martin Waldseemüller em 1507 sob os auspícios de René, Duque de Lorena.

Este antigo mapa, composto por 6 folhas de pergaminho coladas, foi mantido na Biblioteca Ducal de Ferrara por cerca de 90 anos, até que o Papa Clemente VIII o transferiu para outro palácio em Modena, Itália. Mais de dois séculos depois, em 1859, o palácio foi saqueado e o Mapa de Cantino perdido. Foi encontrado por Giuseppe Boni, diretor da Biblioteca Estense, no mesmo ano, em um açougue em Modena. O mapa-múndi Cantino pode ser encontrado atualmente em Modena, Itália, na biblioteca Estense.

15 de Maio – Dia do Deus Mercúrio

15 de Maio e o deus Mercúrio no tempo dos romanos

Em 15 de maio, na época romana, o deus Mercúrio (o equivalente romano ao deus grego Hermes) era homenageado como patrono dos mercadores e potenciador de lucros. Mercúrio, filho da deusa Maia e pai dos gémeos desus Lares, era o mensageiro dos deuses e responsável pelo ganho financeiro, comércio, eloquência, comunicação, viajantes, fronteiras, sorte, burla e roubos.

O seu nome está na origem etimológica das palavras como Mercado, mercador, mercadorias ou mercês.

Na imagem, o painel de Mercúrio no mosaico da “Casa del Planetario”, na cidade romana de Italica, em Santiponce, Espanha, datado da segunda metade do século II depois de Cristo.



13 de Maio; aniversário do Marquês e antigo feriado de Lisboa

Sabia que entre 1926 e 1934, o feriado municipal de Lisboa assinalou-se a 13 de maio, dia do aniversário de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699 - 1782), mais conhecido por Marquês de Pombal.

A proposta foi aprovada em assembleia municipal a 11 de março e, dois meses depois, as cerimónias municipais tiveram como ponto alto a deposição da primeira pedra do Monumento ao Marquês de Pombal, pelo presidente da República Bernardino Machado (1851 – 1944). Curiosamente, não era a primeira vez que aquele mesmo presidente lançava simbolicamente a pedra fundacional do monumento. Uma cerimónia idêntica havia sido protagonizada pelo mesmo Bernardino Machado, a 12 de agosto de 1917.

Bernardino Machado não completou os dois mandatos presidenciais para os quais foi eleito. Em 1917, foi exonerado pelo golpe de Sidónio Pais (1872 - 1918), e, em 1926, foi destituído pela revolução de 28 de maio, que impôs a ditadura militar e que abriu caminho à instauração do Estado Novo. Nesse novo regime, a 20 de dezembro de 1934, em sessão de câmara, adotou-se como feriado municipal o dia 25 de outubro, em memória de um longínquo dia de 1147, no qual as tropas de D. Afonso Henriques e de cruzados do Norte da Europa consumaram a conquista de Lisboa aos muçulmanos.

Haveriam ainda de passar alguns anos até que o feriado municipal lisboeta estabilizasse no dia 13 de junho, assinalando a data de falecimento de Santo António, como ainda hoje se mantém.

A decisão de alterar o feriado para o dia 13 de junho foi tomada pela Câmara Municipal de Lisboa, em sessão realizada a 21 de maio de 1953 (Acta n.º 197). A proposta, subscrita pelo presidente Álvaro Salvação Barreto, mereceu a concordância dos vereadores, à exceção de Artur de Oliveira Ramos, que pugnou pela manutenção do dia 25 de outubro (Reunião da Ex.ma Câmara, efectuada em 21 de Maio de 1953. Acta n.º 197, p.13)



Sporting e Barcelona são os clubes com mais participações do mundo em Jogos olímpicos

Sporting e Barcelona são os clubes mais ecléticos do mundo tendo ambos o maior número de participações em Jogos Olímpicos.

O Comité Olímpico de Portugal, foi fundado em 26 de Outubro de 1909, pelo que Portugal participou pela primeira vez nos Jogos em 1912 em Estocolmo (Suécia), com uma delegação constituída por seis atletas que participaram em três modalidades, Atletismo, Esgrima e Luta.

Tal como em muitos outros eventos desportivos, os Jogos Olímpicos também têm mascotes em cada edição. Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016 a mascote foi Vinicius.

Portugal participou em todas as edições desde então, num total de 24 participações.

O Sporting como potência do desporto nacional, viu desde logo Atletas seus serem chamados para representarem Portugal, o que aconteceu em 1912 com António Stromp então com 18 anos, no Atletismo.

O Sporting desde que se iniciou a participação nacional nos Jogos, só não teve a presença de Atletas seus em quatro ocasiões, 1920, 1924, 1936 e 1956. Pelo que das 28 edições realizadas, o Sporting teve por 20 vezes Atletas seus presentes nos Jogos, onde competiram em 18 modalidades distintas (Atletismo, Basquetebol, Boxe, Canoagem, Esgrima, Futebol, Ginástica - Artística, Ginástica - Trampolins, Hóquei em Patins, Judo, Luta, Natação, Pentatlo Moderno, Remo, Ténis, Ténis de Mesa, Tiro e Triatlo), sendo o Clube Número 1 do Mundo neste particular.

Para além dos Atletas nacionais, fruto do seu valor e do seu ecletismo, o Sporting viu também em muitas ocasiões, atletas seus, não Portugueses, serem chamados a representarem os respectivos países.

Dos 146 Atletas do Sporting que já participaram nos Jogos Olímpicos, por todos terem sido brilhantes nas suas participações, pois deram o melhor de si, não destacamos ninguém em especial, mas existem certamente curiosidades, dignas de realce.

António Stromp foi o primeiro Atleta do Sporting a participar nos Jogos Olímpicos. Tendo sido convocado para a primeira Delegação Nacional nos Jogos de 1912 em Estocolmo (Suécia). Foi ainda o primeiro Português a entrar em prova nos Jogos Olímpicos, o que aconteceu a 06 de Julho na 5ª série da 1ª eliminatória dos 100 m.

Armando Marques foi o primeiro Atleta do Sporting a conquistar uma medalha, a Medalha de Prata nos Jogos de 1976 em Montreal (Canadá) a 20 de Julho, no Fosso Olímpico, Tiro.

Carlos Lopes foi o primeiro Atleta do Sporting e o primeiro português a conquistar uma Medalha de Ouro, tal feito aconteceu nos Jogos de 1984 em Los Angeles (USA) a 12 de Agosto e logo na prova rainha dos Jogos, a Maratona.

Andrzej Juskowiak foi o primeiro Atleta não Português do Sporting a conquistar uma medalha, a Medalha de Prata nos Jogos de 1992 em Barcelona (Espanha) em futebol. Existindo ainda a curiosidade de ter sido contratado pelo Sporting poucos dias antes do início dos Jogos, mas ainda a tempo de representar o Sporting num jogo particular antes de rumar a Barcelona.

Ionela Târlea foi a primeira Atleta do Sporting a conquistar uma medalha, a Medalha de Prata nos Jogos de 2004 em Atenas (Grécia) a 25 de Agosto, nos 400 em barreiras.



Domingos Bragança realizou um dia de sucesso para a língua portuguesa

Domingos Bragança realizou a Efeméride com grande sucesso numa iniciativa da Câmara e da Universidade do Minho

Guimarães promoveu a “reflexão sobre a língua portuguesa” e reforçou o compromisso com os países lusófonos através de um ciclo de intervenções que decorreram neste Dia Mundial da Língua Portuguesa. “Aqui, em Guimarães nasceu um país e daqui saiu uma língua para o mundo, que reflete a nossa cultura, a nossa educação, aquilo que fomos, o que somos e o que queremos ser. A importância deste investimento no material e imaterial deve ser assinalado através da partilha de experiências e do conhecimento. É por isso que assumimos o compromisso de reforçar esta vontade em ser o centro das comemorações do Dia Mundial da Língua Portuguesa, em convergência com a Universidade do Minho”, salientou o Presidente da Câmara de Guimarães.

Domingos Bragança partilhou ainda a mensagem enviada pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no encerramento das comemorações do Dia Mundial da Língua Portuguesa no âmbito do seminário que decorreu na cidade de Guimarães. “O Dia Mundial da Língua Portuguesa testemunha o reconhecimento do papel da nossa língua para o património da Humanidade, como língua de diálogo e de cooperação entre povos e culturas”, expressou o Presidente da República, salientando que “o português é uma língua viva e um fator de amizade e de união entre todos os portugueses, os que vivem no território nacional e os portugueses da nossa diáspora, e também um elo central na ligação entre os cidadãos dos países da CPLP”.

O Dia Mundial da Língua Portuguesa, que se comemorou neste dia 5 de maio, foi proclamado pela 40.ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em novembro de 2019. Guimarães assinalou este dia, cimentando a matriz de cidade fundadora de Portugal e assumindo o desígnio de evocar esta data todos os anos. A vice-presidente da Câmara, Adelina Pinto, lembrou que “Guimarães tem o privilégio de ser a cidade onde nasceu Portugal, com esta matriz de ser a cidade fundadora. Foi em Guimarães, com a Batalha de S. Mamede de 1128, que D. Afonso Henriques iniciou a construção do país e Guimarães pretende também fazer a evocação da nossa língua neste Dia Mundial da Língua Portuguesa que se assinalará todos os anos.”, salientou Adelina Pinto.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, destacou através de uma mensagem em vídeo que “a língua portuguesa é comum como um recurso da humanidade”, sendo a língua oficial de perto de 300 milhões de pessoas, enaltecendo ainda como uma das grandes línguas internacionais de comunicação científica”.

Nota de realce ainda para a intervenção do Reitor da Universidade do Minho, sublinhando a “partilha da responsabilidade na celebração deste dia e é importante continuar, mobilizando vontades e apoios”. Rui Vieira de Castro considerou a “celebração de uma realidade viva no contexto de interações de homens e mulheres, na celebração de espaço de diálogo da língua portuguesa”.

O Embaixador da UNESCO, António Sampaio da Nova, falou da promoção do debate e a visibilidade como objetivo alcançado com a celebração do Dia Mundial da Língua Portuguesa. Sampaio da Nóvoa vincou a importância da língua portuguesa na comunicação digital, ressaltando a dimensão da criatividade através do pensamento e da cooperação, apontando que “a palavra cooperação é absolutamente decisiva na ligação com a CPLP”.

O Secretário Executivo da CPLP, Francisco Ribeiro Telles, mencionou que o português é a quarta língua mais falada no mundo, sendo a língua oficial nos 9 países da CPLP: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Evidenciou os movimentos das diásporas lusófonas, que faz com que seja a língua mais falada no hemisfério sul.

Esta sessão contou ainda com as intervenções da Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Berta Nunes, Elias Torres Feijó (Universidade de Santiago de Compostela), Carlos Fiolhais (Universidade de Coimbra), Judite Nascimento (Reitora da Universidade de Cabo Verde), Nazim Ahmad (Fundação Aga Khan), Sérgio Leitão (Secretário de Estado da Economia Criativa do Estado de São Paulo), Larissa Graça (Museu da Língua de São Paulo), Moisés Martins (Universidade do Minho), Rui Vaz (Instituto de Camões), Tamoio Athayde Marcondes (Presidente da Funarte - Brasil), Laurentino Ferreira (Instituto de Formação Empresarial da CPLP) e Ana Caridade (Agrupamento de Escolas de Abação – Guimarães).



Painel de Arte Rupestre descoberto no Vale do Côa

Uma equipa multidisciplinar acredita ter colocado a descoberto um dos maiores painéis de arte rupestre ao ar livre, com cerca de dez metros de comprimento, no sítio da Fariseu, no Vale do Côa com a descida do caudal do rio



Foto; jornal Público

Todo o trabalho começou em Abril do ano passado, com a descoberta da maior gravura ao ar livre, representativa de um auroque (boi selvagem), gravada numa rocha no sítio do Fariseu, no Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), datada do Paleolítico Superior.

A ampliação da área de trabalho permitiu, como agora os investigadores sublinham, “perceber a relação da vida quotidiana do Paleolítico Superior com a arte do Côa”. No ano passado, os trabalhos tiveram de ser suspensos devido à pandemia, mas foram retomados em Junho, e o auroque começou a ser visitado por pequenos grupos que faziam o percurso a pé, a nado ou de canoa.

Os arqueólogos sempre acreditaram no potencial rupestre da designada “rocha 09” do PACV, que fica a cerca de 50 metros do rio Côa. Os investigadores, para continuarem aos trabalhos arqueológicos, tiveram a colaboração da EDP, que baixou o caudal do rio Côa em dois metros, o que ajudou a colocar a descoberto aquilo que hoje é considerado um dos maiores painéis de arte rupestre ao ar livre de todo o mundo. A última vez que o rio Côa baixou para a realização de sondagens arqueológicas foi em 2007.

“Aproveitamos os três dias de abaixamento das águas do rio Côa para dar continuidade aos trabalhos de descoberta da “rocha 09” do Fariseu. Este trabalho deu-nos a oportunidade única de escavar sedimentos que por norma estão por baixo da água do rio”, explicou à Lusa o arqueólogo Thierry Aubry, da Fundação Côa Parque (FCP).

Segundo o arqueólogo, o painel onde se encontra “picotado” o maior auroque do mundo, que inicialmente tinha 3,5 metros visíveis, com estas sondagens revelou uma extensão de dez metros de comprimento. “Este é o maior painel gravado com motivos rupestres existentes no Vale do Côa, com uma composição que demonstra um outro interesse científico, porque estamos num sítio privilegiado ao nível da arte rupestre”, venceu o investigador.

Outro dos passos dados foi perceber a composição do sítio rupestre e a forma de como os sedimentos taparam a rocha e todo o seu processo de datação geológica. “Obtivemos resultados arqueológicos de que ninguém estava à espera, já que temos um painel de cerca de dez metros de rocha gravada, o que é excepcional. Esta escavação deu-nos a oportunidade de perceber a relação da vida quotidiana do Paleolítico Superior e arte do Côa, venceu Thierry Aubry. Segundo o arqueólogo da FCP, os próximos passos vão no sentido de se fazer o diagnóstico de todo material recolhido, para “saber exactamente” o que a ocupação humana de milhares de anos foi deixando nestas camadas de sedimentos nas margens do rio Côa. Durante os trabalhos de prospecção, todos os materiais extraídos das escavações foram minuciosamente analisados, lavados e catalogados, para se perceber a sua importância histórica, arqueológica e científica.

“Ao contrário das outras rochas, temos muitas fêmeas de auroque que caminham em sentido diferente do grande auroque macho, ou seja, em direcção ao leito do rio Côa. Ficamos com [a impressão de] que estamos num desenho animado datado do Paleolítico Superior”, explicou.

Por seu lado, Cristina Gameiro, investigadora da Universidade de Lisboa, disse que foi importante reforçar a equipa de arqueólogos, já que conhece todo este potencial do sítio do Fariseu. “Tivemos muito pouco tempo e tivemos de aproveitar estes três dias em que a EDP baixou o caudal da albufeira do Pocinho, porque se trata de um sítio muito importante do ponto de vista arqueológico, e encontrar artefactos que identificassem vários níveis de habitat do período do Paleolítico Superior”, indicou a investigadora.

Para Cristina Gameiro, há artefactos que “são difíceis de datar”, mas em compensação foram encontradas mais gravuras rupestres. “São achados únicos num local único como é o Vale do Côa. Agora, é preciso identificar o modo de vida dos caçadores colectores do Paleolítico Superior, que ocuparam este espaço”, disse a investigadora.

Já Cristina Araújo, da Direcção-Geral Património Cultural (DGPC), da equipa de investigadores, é da opinião de que estas escavações “são importantes para identificar o imaginário e as qualidades humanas destas comunidades que ocuparam o Vale do Côa”. “O importante é que estas comunidades reservaram parte do seu tempo para deixar o cunho pessoal nestas pedras de xisto, que têm um significado muito importante para a espécie humana”, enfatizou.

A chamada “rocha 09” do Fariseu representa um dos principais núcleos de arte rupestre do Vale do Côa, classificados como Monumento Nacional, e inscritos na Lista do Património Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). A escavação surgiu no contexto do estudo do contexto arqueológico da arte paleolítica do Vale do Côa, que se vem desenvolvendo há mais de 25 anos.

O PAVC detém mais de mil rochas com manifestações rupestres, identificadas em mais de 80 sítios distintos, sendo predominantes as gravuras paleolíticas, executadas há cerca de 30 mil anos, cada vez mais expostas a adversidades climáticas e geológicas. O PAVC foi criado em Agosto de 1996. A arte do Côa foi classificada como Monumento Nacional em 1997 e, em 1998, como Património da Humanidade, pela UNESCO.

Fonte: Jornal Público

Curiosidades de Fátima desconhecidas

O Correio da História publica nesta edição de Maio algumas curiosidades que talvez desconheça:

Só dois meses depois é que sai a 1ª notícia sobre as aparições de Fátima

O primeiro relato na imprensa nacional sobre as aparições de Fátima surge no jornal republicano "O Século".

Intitulado "Uma embaixada celestial... especulação financeira?", o enviado do jornal à Cova da Iria aborda o fenómeno das aparições, mas levanta a hipótese de "algum indivíduo astucioso que, à sombra da religião", querer "transformar a Serra d'Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes"



Peregrinação ao Santuário Mariano de Fátima. Portugal, meados da década de 1950



Curiosidades de Fátima Desconhecidas

Há um fontanário debaixo da praça de Fátima (monumento do Sagrado Coração de Jesus)

Bem no centro do recinto, todos os que visitam o Santuário têm memória do Monumento ao Sagrado Coração de Jesus. O que poucos sabem é que esse monumento é o que resta daquilo que foi um fontanário mandado construir nos primeiros anos do santuário.

Segundo o livro “Novos Esplendores de Fátima”, um dos problemas que os habitantes da região enfrentavam era a falta de fontes de água, devido à rocha porosa da região. Em 1921, depois da primeira missa campal, e ao aperceberem-se da dificuldade de proceder com as construções projectadas devido à falta de água, o bispo de Leiria pediu que se fizesse um poço nos lugares que ocupavam os pastorinhos no momento da aparição. Do poço aberto brotou a água que ajudou à edificação do santuário e que matou a sede aos vários peregrinos.

No lugar onde nasceu o poço, foi construído um fontanário com 15 torneiras, tantas quantos os mistérios do rosário, para servir os peregrinos. Com as obras para planar o recinto, a estrutura foi soterrada, sendo hoje visível a parte de cima, que corresponde à coluna com a figura do Sagrado Coração de Jesus.



A madeira do alpendre de Fátima veio da Sibéria

Inaugurado para a primeira visita do Papa João Paulo II, o alpendre que protege os fiéis que assistem às celebrações junto da capelinha foi forrado, em 1988, com madeira de pinho vinda da Sibéria.

A escolha deste tipo de madeira deve-se ao facto de se tratar de madeira duradoura e leve.

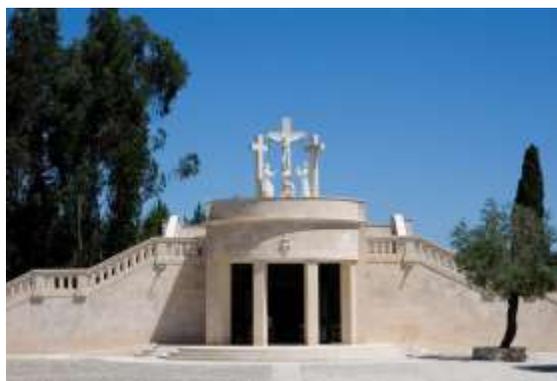


Curiosidades de Fátima Desconhecidas

A capela em Fátima construída por refugiados húngaros

A Capela de Santo Estevão e o Calvário Húngaro - oficialmente Calvário Cardeal Mindszenty – são os pontos finais da Via Sacra que começa na aldeia de Valinhos, onde viveram os pastorinhos.

Foi mandada construir por refugiados que escaparam à ditadura comunista, após a II Guerra Mundial, na Hungria, e viram a sua liberdade religiosa ser-lhes negada.



Um bocado do muro de Berlim em Fátima

Depois da queda da cortina de ferro, foram vários os blocos deste muro que passaram a figurar em várias cidades do mundo. O que poucas pessoas sabem é que na entrada nascente do santuário há um desses pedaços, oferecido por um português a viver na Alemanha.

São 2,6 toneladas de muro, oferecido nos anos 1990. Junto ao muro podem ler-se palavras de João Paulo II numa das suas três visitas a Fátima: "Obrigado celeste pastora, por teres guiado com carinho os povos para a liberdade".

Com a mensagem de Fátima a ser interpretada pelos cristãos como símbolo de esperança na luta contra o comunismo ateu, muitos são os que relacionam a desintegração da URSS com os acontecimentos da Cova da Iria.



1919 - A capelinha das aparições em Fátima rebenta, alvo de um atentado

Erguida em 1919, em resposta ao pedido de Nossa Senhora, a modesta capela de pedra e cal teve de ser reconstruída depois de ter sido dinamitada por grupos anticlericais, a 6 de Março de 1922.

A capelinha foi reconstruída no espaço de um ano e mantém a estrutura original até aos dias de hoje.



Investigadores da Academia de Ciências da Polónia identificaram, pela primeira vez uma múmia grávida.

O facto foi considerado uma inovação, visto nunca antes nenhum corpo mumificado de uma grávida com tamanha preservação foi encontrado. Por isso, referenciamos 5 curiosidades sobre esta descoberta impressionante.

1. Descoberta antiga

Ainda que o estudo sobre esta múmia tenha sido publicado na revista científica "Journal of Archaeological Science" na última quarta-feira, 28, a múmia já tinha sido descoberta há muito tempo, em 1826. Neste ano, terá sido levada para Varsóvia, na Polónia.

Uma equipa arqueológica foi responsável por encontrar a múmia em túmulos reais localizados na antiga cidade de Tebas, no Egipto. Isso fez com que os arqueólogos associassem o corpo mumificado à nobreza. Após isto, ela foi levada para o Museu Nacional de Varsóvia, onde permaneceu em exposição.

2. Idade

A partir de análises importantes realizadas na múmia, foi possível definir o período em que a mulher que foi mumificada morreu. Para os egiptólogos, a mulher faleceu em durante o século 1 a.C., o que atribui a esta múmia mais de 2 mil anos de idade.

Além disto, foi possível definir a idade com que a mulher e o seu filho morreram. Segundo o estudo, a possível mulher nobre teria falecido mais ou menos com 20 anos de idade. O feto, por sua vez, tinha entre 26 a 30 semanas de vida.

3. A múmia

Quando os investigadores estavam em expedição arqueológica encontraram a múmia na cidade de Tebas, encontraram também artefactos valiosos. Identificaram amuletos, que provavelmente tinham como objetivo ajudar a mulher a chegar à sua vida eterna após a morte.

4. O estudo

O corpo embalsamado foi encontrado em expedições realizadas em por volta de 1800, mas estudos mais aprofundados foram realizados na descoberta apenas recentemente e publicados na última semana.

Os historiadores realizaram uma combinação entre tomografias computadorizadas e raios-X para investigar o interior da múmia sem perturbá-la, o que poderia danificar os tecidos. O estudo revelou que o feto dentro do corpo foi realizado como parte do Projeto Múmia de Varsóvia.

Os investigadores realizaram uma combinação entre tomografias computadorizadas e raios-X para analisar o interior da múmia sem danificá-la, o que poderia estragar os seus tecidos.

5. Religião

A identificação da primeira múmia grávida do Egipto também permitirá novas avaliações sobre a crença na vida após a morte dos egípcios. Conforme apontado no estudo, geralmente o feto seria embalsamado e separado do corpo da mãe, o que não aconteceu nesse caso.

Uma das sugestões dos arqueólogos é que a pouca idade do feto levou os antigos a pensarem que ele não poderia realizar a jornada pós-morte sozinho, especialmente porque ele ainda não tinha nome, aspecto essencial nesse trajecto. Por esse motivo, ele teria sido mumificado junto à mãe.



SUPLEMENTO GUIMARÃES

Guimarães e Felgueiras – Uma História por fazer!



Esqueçam todas as divisões municipalistas posteriores ao ano de 1832 e a linha divisória que separa a freguesia de Serzedo (Guimarães) com a freguesia de Vila Fria/Pombeiro (Felgueiras) e agora passem a analisar a região de Guimarães de uma forma “eclesiástica” e própria de um tempo em que a igreja detinha o poder temporal e espiritual.

Obviamente irão concluir que o Mosteiro de Pombeiro assumia junto da cidade de Guimarães um local de enorme importância.

Construído durante o período de vida do nosso D. Afonso Henriques, foi de certeza lugar de paragem obrigatória e de frequência assídua do nosso primeiro Rei, não só por ser um mosteiro em construção e como tal novidade, mas também por ser uma obra de uma magnitude fantástica.

Alguns túmulos de templários encontram-se à entrada do Mosteiro.

Com uma Sé de Braga muito distante de Guimarães e com o Mosteiro de S. Gonçalo em Amarante (a partir do Século XIII) a um dia de caminho de cavalo do Berço, o Mosteiro de Pombeiro, o seminário adjacente, a primeira " fábrica" de sinos da península ibérica (recentemente descoberta) e todas as casas senhoriais nos arredores do Mosteiro assumiam uma importância que a História de Guimarães não poderá ignorar...

Aquela região em certas alturas da História assumiu também o papel de acolher os vimaranenses brasonados nas suas segundas casas de família. É o caso de muitas das famílias antigas vimaranenses.

No âmago destas famílias muitas foram as personalidades que ali viveram com responsabilidades camarárias em Guimarães e junto das cortes dos diversos Reis de Portugal (sempre representando Guimarães).

Se nos debruçarmos mais atentamente chegamos a perceber que as famílias que viviam neste vale agora felgueirense estão na génese da Misericórdia de Guimarães, na Ordem S. Domingos entre outras irmandades vimaranenses.

A freguesia de Vila Fria em Felgueiras durante séculos tornou-se atraente para os vimaranenses não só pela sua importância religiosa que na altura assumia mas também por ser atraente durante a estação do Verão. Esta localidade era um ótimo local de passeios, de banhos, de terrenos agrícolas férteis e com vestígios de património romano únicos e invulgares no país inteiro.

Actualmente a Ponte do Arco que separa o Concelho de Guimarães do Concelho de Felgueiras merecia dos executivos camarários uma atenção especial por ser um potencial de atracção turística e de desenvolvimento de ambos os concelhos.

A recuperação da praia fluvial a meias paredes com o parque de campismo de Vila Fria e os caminhos pedestres já delineados na margem felgueirense seriam um acréscimo ao potencial que também existe na margem vimaranense.

Por sua vez a Câmara de Felgueiras também poderia aproveitar as fortes políticas “verdes” que Guimarães está a incrementar para ter proveito de um rio Vizela despoluído e que também é seu

Uma referência ao dia do azulejo, Salvador de Sousa Carvalho

Na segunda metade do século XVIII, radica-se em Coimbra Salvador de Sousa Carvalho (1730-†1810), um dos mais notáveis intervenientes na arte do azulejo produzida em Coimbra, cuja atividade está bem testemunhada nos muitos núcleos subsistentes in situ.



Igreja de Tarouca reabre após requalificação

A Igreja de S. Pedro de Tarouca reabriu, ontem, as suas portas após ter sido alvo de obras de requalificação e valorização.



SUPLEMENTO GUIMARÃES (Continuação)

Onde confinavam as vítimas de pandemia em Guimarães

A gafaria de S. Lázaro (ao pé do hotel Ibis no centro de Guimarães) era em tempos um leprosário onde viviam isoladamente e de forma confinada os leprosos do resto da comunidade vimaranense. A lepra era antigamente uma doença com um forte estigma social e sabe-se nos dias de hoje que é menos contagiosa do que se pensava noutros tempos.

Esta gafaria não era única em Guimarães, existiam pelo menos mais duas nas imediações da cidade e a sua gestão e provisão era da responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Esta gafaria de S. Lázaro data do ano de 1600 a segundo a inscrição existente na capela maneirista e neoclássica composta por uma nave única, uma sacristia rectangular adossada e dois sinos.

Ainda nos dias de hoje a propriedade da capela é da Misericórdia de Guimarães.

Podemos verificar que esta zona é circundada de muitas pequenas habitações, talvez um indicador do formato habitacional de outras épocas, havendo existiam de águas fluviais nas imediações o que permitiria uma independência da comunidade infectada existente ali em termos das suas necessidades básicas.

A República que se chamava Ilda Pulga no Parque das Hortas

Ilda Pulga é o nome que consta da mulher que serviu de modelo ao primeiro busto da República Portuguesa. Em Guimarães ela está representada numa estátua recente no Largo da República antigamente conhecido por Largo das Hortas

Ainda com descendentes vivos, a família faz questão de afirmar que deveria ter sido uma mulher lindíssima e simultaneamente "atrevida" para servir de modelo naquele tempo.

Ilda pulga faleceu em 1993 com 101 anos. O seu sobrinho bisneto Joaquim Pulga só desconfiou ser familiar de Ilda após à sua morte por ter lido uma notícia no jornal. Joaquim afirma que uma pessoa como Ilda que serviu de modelo aos 18 anos deve ter evoluído culturalmente de uma forma muito peculiar e intensa.

Ilda era natural de Arraiolos e não foi fácil encontrar o fio à meada das suas ligações familiares embora só haja uma família "Pulga" em Portugal. Foi através de moradores de Arraiolos que Joaquim veio a saber que Ilda era irmã do seu bisavô.

O sobrinho bisneto investigou sobre a sua familiar e ficou a saber que Ilda foi muito jovem para Lisboa, com os seus 13 anos e que as dificuldades económicas que se faziam sentir na altura no Alentejo terão motivado a sua mudança para a capital levando o resto da sua vida como costureira.

O busto da república portuguesa continua inalterado. Os bustos da República variam de país para país e até encontramos casos onde houve mudanças de modelos que serviram de bustos ao simbolismo republicano. O modelo mais icónico da República, tem a sua origem em França e foi sem dúvida "Mariana" ou "Marianne" representada, iconograficamente, por uma mulher, ostentando um barrete frígio, tendo como inspiração a imagem da Liberdade na obra A Liberdade guiando o Povo, pintada em 1830 por Eugène Delacroix. No entanto a Associação dos Autarcas Franceses decidiu mudar periodicamente o busto de "Mariana", adotando como modelos artistas de cinema e da música francesas contemporâneas, sendo a manequim e atriz Laetitia Casta o modelo atual da escultura.

A estátua da Liberdade nos EUA é também inspirada em Marianne e foi oferecida pelos franceses aos americanos. No caso português atribui-se a autoria do busto a João da Silva que usava como pseudónimo João da Nova talvez porque também escrevia para a revista Seara Nova...

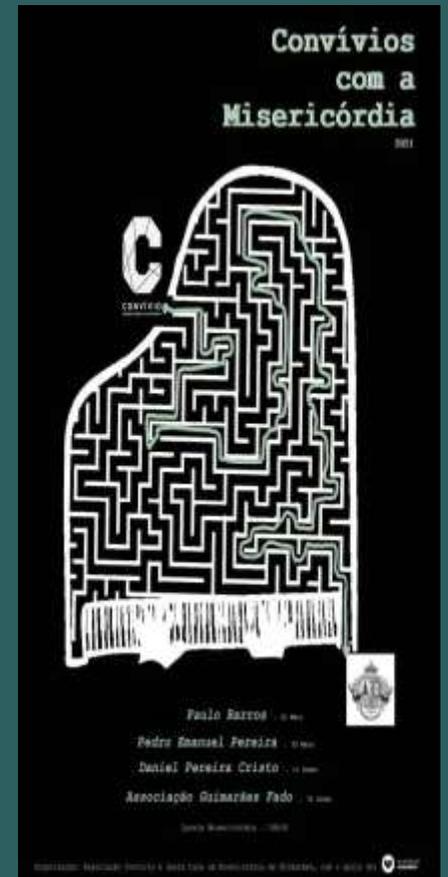
Em 1911, a comissão republicana instituiu que seria o rosto de Ilda Pulga o escolhido.

Recentemente a ASMAV em Guimarães através de um notável trabalho de Francisco Teixeira seu presidente propôs à Câmara a inauguração de um busto no antigo "parque das Hortas" que se passou a chamar "Praça da República".

Os vimaranenses têm dado um exemplo irrepreensível de civismo na preservação desta estátua, uma vez que está bastante "à mão de semear" de atos de vandalismo.

Longe vão os tempos de "ódios" entre monárquicos e republicanos. Felizmente são os bons sinais da evolução dos valores de tolerância e de convivência.

Que Guimarães continue sempre assim!

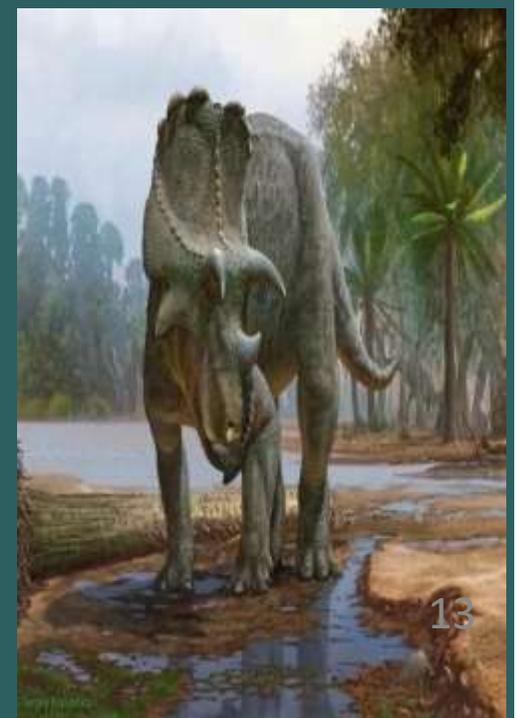


Descoberta de nova espécie de dinossauro om 82 milhões de anos

Um grupo de arqueólogos de diferentes universidades e museus dos Estados Unidos descobriu uma nova espécie de dinossauro de chifres que viveu há 82 milhões de anos.

Esta espécie é uma das mais antigas entre os ceratopsídeos, que é como são chamados os dinossauros com chifres, "colares" e faces em bico, como o famoso Triceratope, a ser catalogada.

A descoberta foi publicada na revista de paleontologia alemã Paläontologische Zeitschrift (PalZ) e a nova espécie foi batizada como *Menefeceratops sealeyi*. De acordo com o phys.org, ela adiciona informações importantes para a compreensão sobre a evolução dos ceratopsídeos



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 3

Largo da Misericórdia ou Largo João Franco?

Vivo num largo em Guimarães que reparte opiniões entre os vimaranenses quanto ao seu nome. Uns chamam-lhe “Largo da Misericórdia” e outros chamam-lhe “Largo João Franco”.

O que a maior parte das pessoas não sabe é que este Largo situado no centro histórico da cidade já teve outros nomes...

Quando alguém me pergunta onde é que eu moro, normalmente cito os dois nomes para esclarecer logo à partida dúvidas que possam existir. Refiro Largo João Franco e Largo da Misericórdia porque realmente há pessoas que só conhecem o largo por um dos seus nomes.

Ainda há bem pouco tempo, achei graça à teoria de um meu amigo que me dizia:

“Olha Paulo, vais reparar que aqui em Guimarães, os mais conservadores, normalmente de direita, chamam o Largo por “Largo João Franco” e os mais progressistas, normalmente de esquerda, denominam o Largo por “Largo da Misericórdia.”

Apesar de achar piada a esta tese, não pude concordar a 100% com ela. Com certeza que João Franco foi um conservador e defendeu a monarquia com “mão de ferro” contra ideais democráticos mas as Misericórdias são também instituições ligada à Igreja e aos sectores mais conservadores da sociedade. Por este facto o costume de uma sociedade tradicionalista está implícita em ambos os nomes.

Apesar de formalmente o Largo já não ter o nome “Largo João Franco”, existe simplesmente o hábito das pessoas em continuar a batizá-lo com este nome, dando até azo a por vezes à elaboração de algumas piadas, trocadilhos e analogias entre o ex-ministro de D. Carlos e as grandes bolas de pedra do “João Franco” que ordenam o estacionamento mas que em alguns casos dificultam as manobras de estacionamento aos automobilistas...

Para aumentar a confusão em alguns GPS aparece "Largo João Franco" e noutros aparece "Largo da Misericórdia", o que confunde sempre os turistas quando chegam à cidade e juram que o telemóvel os engana depois de andarem às voltas quando chegam a este largo...

Possivelmente poderei aceitar que as gerações mais recentes tenham adotado o nome de Largo da Misericórdia e as mais antigas estejam habituadas ao nome de Largo João Franco. Esta sim, já me parece uma tese mais plausível depois de alguma reflexão minha nesta questão.

A minha preferência cai, claro está, sobre o nome “Largo da Misericórdia”, não só pelo fato de eu ser um fiel Irmão Mesário desta Instituição mas também por este nome já ter perfilado nos nomes mais antigos do Largo.

Houve tempos em que o Largo se chamava “Terreiro ou Campo da Misericórdia” muito antes do batismo de "largo João franco" mas actualmente a maior parte dos vimaranenses prefere chamar "Largo João Franco"...

No entanto, aviso a todos os interessados que apelidando o Largo de João Franco ou da Misericórdia, as cartas continuam a chegar aos seus moradores, os turistas continuam também a usar estes dois nomes e os espetáculos magníficos a que este espaço assiste continuam a ser anunciados nos dois formatos.

João Franco, esteja ele onde estiver, assim como a nossa querida Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, não se importarão de certeza com esta dualidade de nomes.

Sejamos então felizes usufruindo deste bonito e maravilhoso Largo da nossa fantástica cidade.



Micro galerias nas ruas de Guimarães

IMPACTA  |

A promoção da arte e cultura em espaço aberto, na cidade de Guimarães, através da exposição patente na Alameda de São Dâmaso (01 de maio a 27 de junho).



Com um programa que se estende pelo ano de 2021, a Alameda Contemporary Art Gallery materializa o projeto Micro Galerias de Arte Contemporânea, da autoria de Nuno Machado e apoiado pelo IMPACTA - Investimento Municipal em Projetos e Atividades Culturais, Territoriais e Artísticas, promovido pelo Município de Guimarães.

SUPLEMENTO GUIMARÃES - 4

Largo Donões - O Pórtico, a calçada e o Sr. Gaspar



Muitos de nós vimaranenses, durante os últimos quatro anos nos intervalos da nossa vida apressada, passámos pelo Largo Donões no Centro Histórico de Guimarães sem perceber muito bem alguns dos objectivos arquitectónicos e culturais daquele magnífico espaço, agora recuperado.

A existência de um pórtico no meio da praça é a primeira interrogação que nos vem à cabeça.

Qual o seu significado?

O pórtico existente era a entrada para os jardins e logradouro da casa da Dama de Donões. Aquele espaço que antigamente era a casa desta aristocrata é agora um espaço público aberto para todos os vimaranenses, tornando Guimarães de todos nós.

Segundo reza a lenda, esta fidalga Dama de Donões, além de possibilitar a iluminação dos ferreiros e dos artífices durante os seus trabalhos de forja, era também dona de uma grande beleza que encantava e inspirava todos os artistas que trabalhavam nas redondezas da sua casa.

Um facto curioso é ainda termos tido até há pouco tempo atrás, o nosso mestre Gaspar, criador de magníficas obras a trabalhar neste Largo, já não inspirado pela Dama de Donões é certo mas provavelmente inspirado pela beleza de todas as vimaranenses!

Esta viela datada do Séc. XIII ligava a rua de Anães à rua do Esterpão, estando a sua simbologia agora representada no pavimento com calçada portuguesa.

A praça que agora rivaliza, no bom sentido, com a praça Santiago e com a praça da Oliveira, teve no Sr. Arquitecto Miguel Melo uma visão perspicaz, de conjugação do passado com a modernidade da cidade. Ficará na História pelo seu elevado sentido estético e arquitectónico.

As funções sociais da “Casa dos Pobres” foram mantidas apesar da demolição do edifício que contrastava com o contexto histórico da zona. Esta manutenção dos serviços sociais demonstrou um elevado sentido de responsabilidade dos intervenientes políticos camarários.

Apesar de ainda existir um caminho longo a percorrer na dinamização do espaço e na recuperação de toda a envolvente, adivinho que este Largo terá no decorrer deste ano uma vida turística ainda mais intensa da que hoje detém.

O desenvolvimento da restauração na praça também está a ganhar de dia para dia mais consistência na sua clientela e penso que no futuro, veremos um Largo Donões com maior diversidade de escolha gastronómica e com maior diversão nocturna após a pandemia.

Esperemos pois o Centro Histórico continue o caminho de reabilitação que tem sido feito, juntando inovação, simbolismo e cultura como foi feito no nosso Largo Donões.

Theo lança novo single

Depois do lançamento do seu primeiro disco “Sinner” (link para o spotify), THEO avança com o lançamento do seu novo single “Um céu para o meu cão”. Esta música é uma versão de um tema original dos anos 90 da banda “Subcultura” de Nuno Lourenço, atual vocalista dos Smartini. Uma homenagem em português ao movimento rock dos anos 90 da Vila das Caldas das Taipas, Guimarães.

Um céu para o meu cão

[Link para Spotify](#)

[Link para o Youtube](#)

No entanto Theo está a preparar o disco que sucederá a “Sinner”, do qual brevemente será lançado o primeiro single de apresentação. Ao mesmo tempo estão a ser preparadas as primeiras aparições ao vivo e brevemente teremos as primeiras datas de concertos.



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 5

A batalha que D. Afonso Henriques ganhou em pleno mar

O título desta crónica pode parecer estranho mas a verdade é que a primeira batalha naval vitoriosa dos portugueses liderados por D. Afonso Henriques foi em 1180 em águas portuguesas, segundo relatos junto ao Cabo Espichel.

Ainda durante o reinado de D. Afonso Henriques, entre 10 e 15 de Julho de 1180, o nosso Rei conquistador ganha a 1ª batalha naval levada a cabo pelos portugueses.

D. Afonso Henriques sabia que para ganhar a guerra contra os mouros tinha de enfraquecer o poder naval do adversário.

O plano consistia em sabotar as rotas comerciais muçulmanas, neutralizando desta maneira os seus navios de guerra e ao mesmo tempo patrulhando a costa resistindo desta forma a qualquer iniciativa naval do inimigo.

A armada de D. Afonso Henriques tinha a sua base de operações em Lisboa e os seus principais navios eram as galés a remos com vela latina.

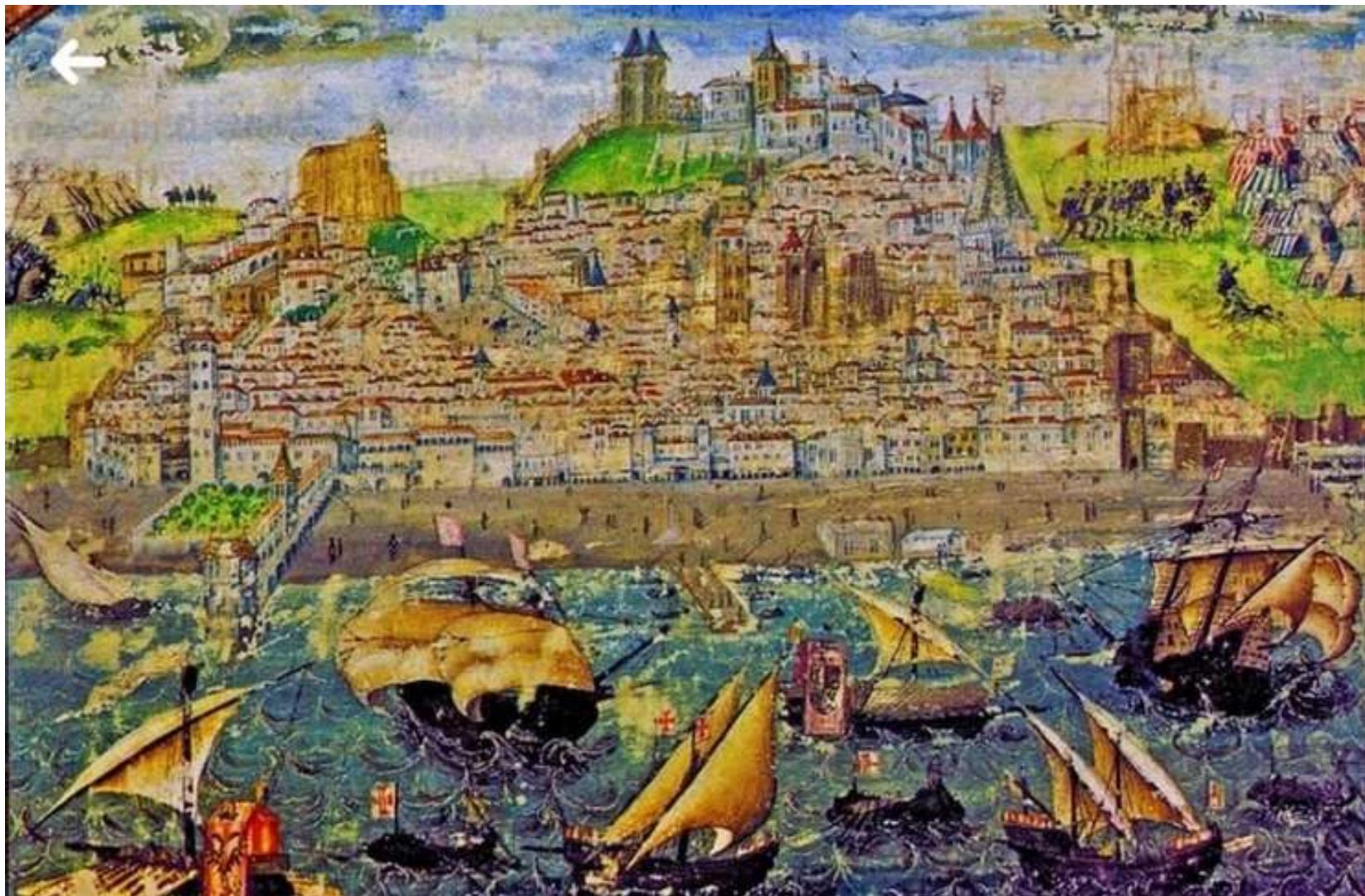
O inimigo eram os mouros e as suas galés, embarcações típicas que o inimigo também detinha e que na época se encontravam em pleno mar junto à costa.

As duas armadas defrontaram-se a Sul, junto ao Cabo Espichel tendo os portugueses uma vitória estrondosa em que alguns navios mouros foram afundados e outros invadidos em modo de confronto “corpo a corpo”, tal e qual uma batalha.

Toda a tripulação muçulmana foi capturada, feitos prisioneiros, entre eles o Comandante Almóada e posteriormente levados para Lisboa entretanto já conquistada e levados numa autêntica procissão vitoriosa com grandes festejos e comemorações do povo português.

O ramo bélico da marinha portuguesa surgiria muito mais tarde em 1 de Fevereiro de 1317 por decreto real mas este é realmente o primeiro registo que conhecemos de uma Vitória portuguesa em pleno mar.

Podemos assim concluir que a vocação marítima dos portugueses está desde o início da nacionalidade entranhado no espírito o nosso povo tal como este episódio também reforça as qualidades do nosso primeiro rei como um dos maiores, senão o maior estratega bélico de todos os tempos lusitanos



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 6

Dia internacional dos museus em Guimarães

A 18 de maio comemora-se mais um Dia Internacional dos Museus, criado por proposta do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), um organismo afeto à UNESCO, que desde 1977 celebra a efeméride.

Ora, visitar um dos muitos “templos de musas” da cidade é portanto o serviço mínimo exigido e o nosso repto, que constitui também uma viagem pela História do país e da cidade. Porém, escolhemos o Museu Alberto Sampaio como visita preferencial, uma vez que 1928 celebrou 90 anos de vida e é um dos mais belos, conforme nos declara este enigmático visitante:

“Declara já o viajante que este é um dos mais belos museus que conhece. Outros terão riqueza maior, espécies mais famosas, ornamentos de linhagem superior: o Museu de Alberto Sampaio tem equilíbrio perfeito entre o que guarda e o envolvimento espacial e arquitetónico. Logo o claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, pelo seu ar recolhido, pela irregularidade do traçado, dá ao visitante vontade de não sair dali, de examinar demoradamente os capitéis e os arcos, e como abundam as imagens rústicas ou sábias, tão belas, há grande risco de cair o visitante em teimosia e não arredar pé. O que vale é acenar-lhe o guia com outras formosuras lá dentro das salas, e realmente não faltam, tantas que seria necessário um livro para descrevê-las: o altar de prata de D. João I e o loudel que vestiu em Aljubarrota, as Santas Mães, a oitocentista Fuga para o Egito, a Santa Maria a Formosa de Mestre Pero, a Nossa Senhora e o Menino de António Vaz, com o livro aberto, a maçã e as duas aves, a tábua de frei Carlos representando S. Martinho, S. Sebastião e S. Vicente e mil outras maravilhas de pintura, escultura, cerâmica e prataria. É ponto assente para o viajante que o Museu Alberto Sampaio contém uma das mais preciosas coleções de imaginária sacra existente em Portugal, não tanto pela abundância, mas pelo altíssimo nível estético da grande maioria das peças, algumas verdadeiras obras-primas. Este museu merece todas as visitas, e o visitante jura de cá voltar de todas as vezes que em Guimarães estiver. Poderá não ir ao castelo, nem ao palácio ducal, mesmo estando prometido: aqui é que não faltará. Despedem-se o guia e o viajante, cheios de saudades um do outro, porque outros visitantes não havia. Porém, parece que não faltam lá mais para o verão”.

Realmente, este viajante é nada mais nada menos que José Saramago, o nosso Nobel da Literatura em 1998 e o texto, um excerto respigado da sua obra “Viagem a Portugal”. Por isso, nada melhor para nos convencer, até porque neste dia as visitas são gratuitas e o acervo é riquíssimo.

E seria ainda mais rico, se a segurança, uma dos problemas dos museus, tivesse funcionado. De facto, todos nos recordamos que esta coleção do museu era mais vasta e preciosa, pois o este possuía à sua guarda um valiosíssimo tesouro em ouro e pedras raras, que seria roubado em 16 de novembro de 1975 por um comando do Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), ligado à direita radical.

Com efeito, entre a sua imensa riqueza artística e viagem pela nossa História, aqui documentada pelo escritor, destacam-se ainda as coleções de azulejos e faianças do século XII ao XIX, a coleção de ourivesaria, entra a qual se destaca o cálice românico de D. Sancho I. Sobressai ainda o Tríptico da Natividade, uma das mais preciosas peças de arte gótica europeia, talvez um dos mais preciosos “presépios” portugueses”. Trata-se de um altar portátil em madeira de cedro, revestido em prata dourada e esmaltada, semelhante a um retábulo de pintura, que representa no corpo central o nascimento de Jesus e nas suas abas laterais outros episódios bíblicos: à esquerda, no painel superior, a Anunciação, o Anjo e a Vigem e em baixo a Visitação; e à direita, na parte superior, anunciação aos pastores da Boa Nova, e em baixo a Adoração dos Magos, com um dos reis ajoelhados e os outros dois de pé, todos voltados para a cena central da Natividade.

De facto, na parte central, representa-se a Virgem deitada num leito, estendendo os braços para segurar o Menino, com S. José à direita, enquanto por cima do cortinado de fundo, espreitam as cabeças do burro e do boi e dois anjos nas extremidades.

Esta peça artística, com dimensões aproximadas de 1,320 de altura e 1,720 de largura, foi oferecida pelo rei D. João I a Nossa Senhora da Oliveira como pagamento da promessa pela vitória na Batalha de Aljubarrota (1385) e terá presumivelmente sido recolhida como troféu entre as pertenças do rei de Leão e Castela, deixadas no campo de combate. Além disso, presentemente, o museu apresenta uma coleção de mais de meia centena demoníacos bonecos em barro, executados por artesãos minhotos, muitos dos quais com base em desenhos de F. Capela Miguel, denominada “Expo Diabólica” – Uma Expressão da Cultura Popular. Paralelamente, estão expostas gravuras de J. Salgado Almeida relativas à obra “Contos e Lendas do Diabo em Guimarães”, livro apresentado na altura, que por artes do diabo nos facultam visões antropológicas que não lembram ao diabo! ...

No entanto, para além deste museu, Guimarães tem intramuros outras grandiosas preciosidades. Por exemplo, na Sociedade Martins Sarmiento podes contemplar a exposição de pintura “Na distância de um olhar”, de Pedro Calapez. Mas, simultaneamente, fruir a sua importante Biblioteca com cerca de 100 mil volumes e o precioso Fundo Local de publicações vimaranenses, a que se junta a hemeroteca e arquivos, entre os quais consta o Foral de Guimarães de 1507 e os exemplares da Revista de Guimarães, publicada desde 1884; e, claro, preciosas coleções de numismática, etnologia e arqueologia.

Destaca-se ainda, sobre a alçada desta instituição o Museu de Arte Castreja, no Solar de Ponte antiga casa de Francisco Martins Sarmiento, cujo espólio ligado à cultura celta, prolonga o espaço museológico da Citânia de Briteiros que este explorara. Porém, não podemos também esquecer o Paço dos Duques de Bragança, um dos espaços mais visitados no país, o Museu do Santo António dos Capuchos, assim como o Aquivo Municipal de Guimarães e muitas das igrejas e capelas da cidade e do concelho, cheias de história e beleza arquitetónica.

Mais recentes e merecedores de referência, embora menos conhecidos, são também o Museu Agrícola de Fermentões, com o seu acervo focalizado no mundo do trabalho artesanal e agrícola, bem como o Museu da Vila de S. Torcato, ligado ao culto do santo e seu mosteiro, bem como à vivência da região.

Igualmente, dignos dos maiores encómios, são o Centro Internacional de Artes José de Guimarães, a Casa da Memória, que surgidos após a consagração de Guimarães como Capital Europeia da Cultura, em 2012.

De facto, não falta diversidade museológica em Guimarães, que é de facto uma cidade-museu, consagrada mundialmente como Património Cultural da Humanidade, desde 2001.

Correio da História, Maio de 2021.

É só escolher ...

Alvaro Nunes

Museu Alberto Sampaio com excelência de projecto para crianças

O Museu já abriu e os visitantes estão de regresso! E os nossos mini-visitantes também já vieram matar saudades!

Os teatros de marionetas, de sombras, as oficinas e outras atividades deram novamente vida ao museu e estamos muito felizes por podermos voltar a cumprir, em pleno, uma das nossas principais missões: fomentar o gosto pelo património o mais cedo possível!

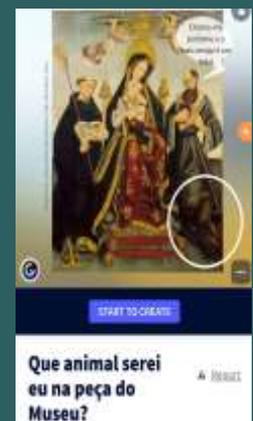
Com esse intuito, o Serviço Educativo disponibiliza os seus Roteirinhos, edições muito apelativas que permitem descobertas temáticas no Museu. O Roteirinho dos Animais é uma delas e pode ser adquirido na receção para ser usado em contexto de visita em família ou de grupo escolar.

Hoje deixamos um jogo para fazer aí em casa com os seus ‘mini-mais-que-tudo’ e que permite descobrir alguns dos bichinhos que moram no Museu!

E como aqui 'há gato', os que completarem o jogo terão uma surpresa!

#jogoseducativos #guimaraesmuseus

<https://view.genial.ly/608c28aa6589f30d46b8b612/interactive-content-que-animal-serei-eu-na-peca-do-museu>



Dia Internacional dos museus.

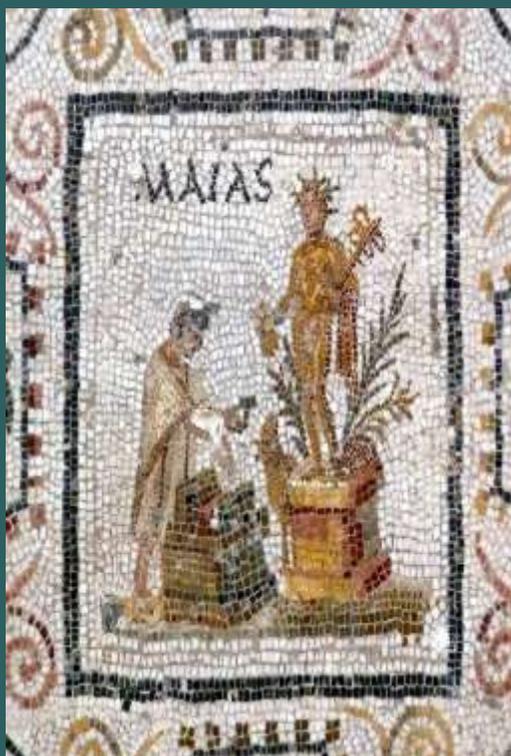
Mês de Maio era dedicado a Maia

Inicia-se hoje o mês de maio (do latim “Maius”), que era dedicado à deusa Maia, de origem grega e adotada pelos romanos.

Maia era a mais velha das Plêiades e mãe de Hermes, o mensageiro dos deuses (Mercúrio entre os romanos), ancestralmente considerado uma divindade agrária e da pastorícia, associada à fertilidade.

Na imagem, o painel relativo ao mês de maio, do Mosaico dos Meses, representando um homem fazendo uma oferenda num altar junto a uma estátua de Mercúrio.

Este mosaico foi descoberto durante as escavações arqueológicas de 1961, num compartimento da “Casa dos Meses”, na cidade romana de Thysdrus (atual El Djem, Tunísia), datado do início do século III depois de Cristo, e encontra-se no Musée Archeologique, em Sousse (Tunísia).



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 7

O busto de Ferreira de castro nas Taipas (Texto de Álvaro Nunes - Correio da História)

Sto. António é o único Santo português que está no “núcleo duro” ou se quisermos no “top” da elite dos Santos mais venerados no mundo, a par de São João e de São Pedro. Santo António conta com milhares de templos com o seu nome em diversos países nos cinco continentes. Guimarães não é excepção e as referências dos vimaranenses a este Santo são mais do que muitas pelo seu território.

A veneração dos vimaranenses é tanta que as forças políticas mais progressistas vimaranenses tentaram mudar o nome da Rua de Santo António no centro da cidade e a esmagadora maioria do povo vimaranense não se deixou vencer pela imposição administrativa voltando a rebaptizar a rua que liga o Toural à Rua Gil Vivente com o nome deste Santo que é normalmente associado aos casamentos e aos objectos perdidos.

Apesar de ter morrido em Pádua, Sto António nasceu em Lisboa, estudou no Convento de Santa Cruz, passou pelo norte de África e acabou por morrer em Pádua

S. Francisco de Assis foi seu contemporâneo e amigo costumando-lhe chamar “O meu bispo”.

Os seus sermões eram dos mais eloquentes que se já ouviram na cristandade chegando este Santo a falar para uma plateia de 70 000 almas.

Diz a lenda que os sinos da Sé de Lisboa tocaram sozinhos na mesma hora que o português Sto. António morreu em Pádua na Itália. Em Guimarães existe uma irmandade que nasceu no ano de 1703 que ainda nos dias de hoje reúne na irmandade de S. Domingos e que comemora no dia 13 de Junho o dia de Sto. António, relembrando nesta cerimónia o milagre do “Pão de Sto. António”. Obviamente que em Guimarães não podemos passar ao lado da maior referência ao Santo António que é o Convento de Sto. António dos Capuchos (Antigo Hospital de Guimarães), muito importante por ser o maior convento franciscano construído num lugar tão nobre e numa grande proximidade ao castelo de Guimarães. Mas a existência ao longo dos tempos de vários templos e ruas em Guimarães dedicadas a Sto. António é uma realidade. Seja nas taipas, a antiga e desaparecida capela na freguesia de S. Tomé de Caldelas, seja em Mesão Frio, seja em S. Cláudio de Barco, seja na rua da Arcela e noutras localidades... É de facto um sinal da importância deste primeiro professor teólogo da Ordem de São Francisco de Assis. Mas não é só em edifícios que encontramos as referências a este Santo, encontramos em Guimarães estas referências por exemplo no nome do “Lar de Sto. António” no Salgueiral ou na existência das festas da Cruz de Pedra em homenagem a este Santo, assim como nas festas de S. Cláudio de Barco junto à capela de Sto. António. Em todo o país as referências a Sto. António são inúmeras chegando a ter em Lisboa um museu com o seu nome. As imagens de Sto. António estão também espalhadas por muitas igrejas, irmandades e Instituições de Guimarães. A devoção continua forte passados vários séculos deste Santo português muito popular pelo mundo inteiro.





Morte de Marquês de Pombal

8 de Maio

A 8 de Maio de 1782 morre, em Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras.

Poderoso ministro do rei D. José I de Portugal, o seu nome fica para sempre ligado ao tenebroso processo dos Távoras e à reconstrução de Lisboa depois do terramoto de 1755.

1.º Marquês de Pombal – Vida e Obra

Nasce em Lisboa, na freguesia das Mercês, a 13 de maio de 1699. Era filho de Manuel de Carvalho e Ataíde, um fidalgo da província com propriedades em Leiria e de sua mulher D. Teresa Luísa de Mendonça e Melo descendente de fidalgos estabelecidos no Brasil. Teve como padrinho de batismo o seu avô paterno que lhe atribuiu o seu próprio nome: Sebastião José de Carvalho e Melo.



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 8

Os escravos em Guimarães

Desde que se iniciaram as conquistas e as descobertas portuguesas sempre houve pessoas de origem africana em Guimarães devido ao movimento de comércio de escravos internacional.

O mercado escravagista era uma fonte de rendimento para a Coroa portuguesa e Guimarães não foi excepção na existência deste “comércio humano”, embora o assunto seja como uma “espécie de tabu” na actual sociedade portuguesa.

O mercado de escravos em Guimarães acontecia no átrio da Misericórdia e podemos verificar esta existência de escravos através de dois géneros de documentos; os registos dos doentes escravos que entravam no Hospital de Guimarães e também através das doações de escravos de vimaranenses com posses às irmandades religiosas.

Nas casas senhoriais de Guimarães era costume os escravos prestarem serviços domésticos ou então servirem de porteiros bem fardados com botões bem reluzentes de metal à entrada das quintas senhoriais, como forma de ostentação dos vimaranenses mais abonados financeiramente.

O preço de cada escravo variava, podemos constatar isso através de um registo de uma doação de quatro escravos (dois homens e duas mulheres) de um tal de Manuel Coelho de Figueiró à Misericórdia de Guimarães. Infelizmente, a mentalidade da época achava que as mulheres (pejadas), grávidas ou com filhos dependentes ainda bebés tinham um valor monetário superior

“idem hua preta chamada Rita e um filho de peito q. se rematou no pateo desta Santa Casa em preço de 28 moedas de ouro de 4.800, q. fazem a quantia de 134 400 rs e a rematou o reverendo conigo Pedro de leiva...”

“idem hu preto chamado João q. se rematou no pateo desta Santa (Casa) com preço de sessenta e dois mil e duzentos e a rematou o Reverendo, reitor de sande José Soares...”

“idem hua pretinha piquena chamada Marsela que se rematou no pateo desta Santa Casa com preço de catorze moedas pelo irmão Manoel José ourives e ao depois foram-lhe levar a casa e declarou que só daria pela sobredita preta corenta e oito e coatro centos e noventa rs.”(Arquivo da Misericórdia, códice – 85, folha 78)

Os compradores foram dois reverendos e um ourives. O clero na altura era um forte comprador de escravos para o trabalho agrícola das suas Irmandades.

As doações às Irmandades religiosas são também interessantes registos. No século XVII coube à Santa Casa um escravo em que foi deliberado aceitá-lo não auferindo salário até decisão em contrário. A ata da reunião de direcção reflecte o seguinte:

“Aos 18 de Março de 1666 anos nesta Santa Casa e despacho dela, foi proposto as esperanças que podia haver em o moço João Roiz, e reparando-se nelas, se lhe mandou dar vista....na forma que costumam andar os serventes desta Santa Casa; e se lhe não alvitrou salário porquanto é escravo...”

É também através de outro testamento, de João do Vale, morador na rua do Gado, que em dois de Abril de 1723 sabemos o seguinte:

“Tenho em meu poder os seguintes escravos a saber: Luís, o qual deixo a Santo António dos Capuchos desta vila, não para venderem, mas se servirem dele, como seu que fica para sempre, que conservando-o com boa doutrina, nunca desgostará aos ditos Padres Capucho...Teresa, mãe do dito e sua filha, deixo aos mesmos Reverendos Padres de Santo António para que as tenham enquanto elas viverem, à qual Teresa deixo cem mil reis, para que do seu rendimento...se possam alimentar, os quaes ela nunca verá em sua mão, mas sim por ordem dos Padres Capuchos...se ponham a juro para renderem para a dita Teresa, a qual deixo forra e a sua filha...” (João Lopes de Faria, Efemérides, S.M.S., Séculos dos Ms.)

Mas é também através dos registos dos hospitais que, como disse anteriormente, podemos ter a referência a negros, principalmente durante o Século XVIII na cidade de Guimarães, os quatro registos que aqui refiro têm também a descrição da roupa que os doentes possuíam quando entravam no Hospital:

1-“Salvador, preto forro, assistente em casa de Sebastião Navarro”

2-“Maria, preta forra, criada da Baixinha da Praça, entrou para se curar de edropsa, com capote preto e gibão de droga branca e mantea azul, velho”

3-“Esidoro António, mulato forro, assistente em casa do Reverendo Chamtre, com hua sobrecassaca azul em bom uso e calções de linho”

4-“Natália Maria de Jesus, preta forra, a servir na casa de Francisco Xavier Gonçalves, estalajadeiro da rua da Fonte Nova, de Mata diabos (actual Rua de Santo António) com capote de baeta pardo, velho, e saias de camaleão brancacenta, com um lenço na cabeça e outro ao pescoço, com febre.

Nestes registos dos hospitais é evidente que os Senhores proprietários destes escravos custeavam os tratamentos quando estes adoeciam. Muito mais evidências de escravos em Guimarães existirão...Podemos achar que é um período mais negro mas que não nos impede de o estudar e conhecer melhor.

SUPLEMENTO GUIMARÃES - 9

A Santa Casa de Guimarães dividida entre D.Miguel e D.Pedro

As lutas liberais e miguelistas em Portugal completaram um ciclo de oito anos no seu total.

Todo o Portugal se dividiu entre apoiantes de D. Pedro e D. Miguel. Guimarães mergulhou nesta luta de forma intensa. Infelizmente é um período pouco estudado em Guimarães mas com grande interesse pois são mais que muitas as peripécias, as batalhas e as estratégias políticas que se deram no berço da nação. Houve muitas crueldades cometidas; mortos, feridos, bens confiscados, terras abandonadas, roubo, fogo posto, lares desfeitos, etc..etc.. A Misericórdia de Guimarães não foi exceção e talvez tenha tido neste período a fase mais difícil de toda a sua História. Na sessão da Mesa Administrativa de 1826 foi constatada a afluência de feridos no Hospital, resultado de uma das batalhas mais sangrentas com mortos no Toural e um pouco por toda a cidade, devido a um confronto em plena cidade entre liberais e miguelistas. O medo assolou toda a cidade e nas semanas consequentes a cidade ficou deserta, tal era o receio das pessoas irem à rua...parecendo que uma pandemia teria chegado a Guimarães....

A Mesa Administrativa confrontada com o auxílio a tantos feridos militares deliberou:

“que se suspendessem as rações e esmolas e mais se não admitissem entrevados e inválidos”

“que se despedissem do Hospital os doentes de queixas venéreas e os incuráveis...”

Mas o que podemos constatar de mais cruel foi a perseguição exercida contra todos quanto fossem de ideologia contrária ou seja despediam-se funcionários e riscavam-se Irmãos conforme fosse liberais ou miguelistas.

Na sessão de 4 de Agosto de 1828 da Mesa por saber-se que os médicos da Misericórdia António Joaquim Ferra de Castro e Manuel José Faria estarem presos por serem liberais foram imediatamente substituídos dos quadros da Santa Casa.

O capelão e o sacristão mor Padre Francisco Xavier Pereira Guimarães foram igualmente substituídos por desafeto a D. Miguel.

Outro capelão do coro chamado Padre António Luís Carvalho Reis por ter ímpetos constitucionalistas foi igualmente “despedido” da Misericórdia.

O boticário vimaranense Teotónio Ferreira da Cunha Carvalho que tomou armas no Porto contra D. Miguel, deixou também de colaborar com a Santa Casa por Ordem da mesa Administrativa.

A 18 de Março de 1829 procedeu-se a uma depuração no rol dos Irmãos. Todo o que era suspeito de ser liberal, era apelidado de maçónico e riscado de Irmão da Misericórdia.

Quando os ventos políticos mudaram, a folha 62 V. do códice 14 foi traçada em trinta linhas, para ocultar os nomes aí escritos, e os dizeres inflamados à causa de D. Miguel.

Mas como a vida dá muitas voltas e a sorte política muda à velocidade da luz, sucedeu-se à perseguição Miguelista, o ajuste de contas Pedrista ou Liberal. Em 1834 são restituídos aos seus lugares os antigos empregados, o mesmo sucedendo com os irmãos riscados. No requerimento do Reverendo Francisco Xavier Guimarães referido anteriormente, um dos capelães expulsos, se dá a razão legítima da sua readmissão:

“Não era agora crime o que então tal era apelidado” O mesmo fundamento é apresentado pelos Irmãos aos quais haviam dado baixa do rol da Irmandade:

“Não podendo esse suposto crime ser causa suficiente para serem riscados... Acrescendo que tal crime não existia, sendo pelo contrário uma virtude resistirem à usurpação, conservando o juramento de fidelidade prestado à causa legítima da Rainha e que da mesma forma não podiam atender a outras causas, por tudo o que parecia se deviam restituir, como se nunca fossem riscados, ao número dos Irmãos desta Santa Casa”

(arq.da Mis. Códice 14, fis. 138 e 142)

Correio da História, Maio de 2021.
Sem embargo a readmissão foi realizada na sessão imediata. O período após as lutas liberais continua extremamente complicado pois a causa miguelista instalada na Mesa Administrativa contraiu dívidas em prol do apoio às campanhas militares de D. Miguel.



Rei D. Pedro IV



Rei D. Miguel I

SUPLEMENTO GUIMARÃES - 10

Napoleão Bonaparte e Guimarães - Foi há 200 anos

NAPOLEÃO E AS INVASÕES FRANCESAS (Artigo de Álvaro Nunes)

Napoleão Bonaparte morreu há 200 anos, em 5 de Maio de 1821, na Ilha de Santa Helena, um espaço vulcânico descoberto pelo navegador galego João da Nova, ao serviço da coroa portuguesa. Bonaparte tinha na altura 51 anos e tudo leva a crer que, tal como o seu pai, falecera com um cancro no estômago.

Nascido a 15 de Agosto de 1769, em Ajaccio, na Córsega, filho do jurista e diplomata Carlo Maria di Buonaparte e de Maria Letzia Ramolina, oriunda de uma família aristocrata genovense, Napoleão é provavelmente o francês mais conhecido mundialmente e plausivelmente um dos mais contestados, não só na Europa como também entre os franceses.

Com efeito, Napoleão governou a França com mão de ferro entre 1799 e 1815, mostrando facetas díspares como de génio militar e estadista reformador, mas também déspota megalómano e defensor do escravagismo e perseguidor dos direitos das mulheres. De facto, Napoleão reintroduziu a escravatura no império colonial francês, em 1802, após ela ter sido abolida oito anos antes; e, em 1804, no seu novo Código Civil, retiraria ao sexo feminino o direito ao divórcio por mútuo consentimento, que as mulheres haviam conquistado com a Revolução Francesa, 15 anos antes.

De facto, egocêntrico por natureza e experiente na arte de comunicar com sagacidade manipuladora, Napoleão sentia-se (quase) imortal ao ponto de afirmar que "a bala que me pode matar terá o meu nome" ...Porém, mais controversa que tudo seria a sua política imperial, e as suas guerras expansionistas, que levou a cabo na Europa e no Egito (1798-1799), que causaram cerca de três milhões de mortos, ocupações selvagens, pilhagens e outros comportamentos vergonhosos por parte dos franceses.

AS PRIMEIRAS INVASÕES

Ora, Portugal não escapou às invasões napoleónicas, entre 1807 e 1811. Três invasões francesas que se iniciaram em 19 de Novembro de 1807, na zona de Castelo Branco, sob o comando de Junot e que cerca de 10 dias depois alcançariam Lisboa. Uma situação decorrente da recusa portuguesa em impedir a entrada nos seus portos de navios ingleses e de aplicar o Bloqueio Continental imposto pelos franceses; crise que suscitaria ainda a fuga da rainha D. Maria I e do príncipe regente D. João para o Brasil, em 29 de Novembro de 1807. Pois, Guimarães também não se livrou das invasões francesas, pelo que logo avançou em armar-se a sua defesa. De facto, como a vila de Guimarães era um experiente centro de cutelarias, facilmente seriam montados no terreiro das Dominicais grandes alpendres com forjas e bigornas, em que lado a lado trabalhavam ferreiros, cutileiros e espingardeiros forjando baionetas, alabardas, piques e concertando as espingardas. Por sua vez, as mulheres "foram vistas com as suas próprias mãos armarem os seus irmãos e filhos; a pegar na espingardas e carregá-las, a afiar as espadas e metê-las nas mãos dos maridos (...) Foram vistas umas irem ao Senado e oferecerem as suas joias e enfeites preciosos; e em suas casas fundindo balas, e fazendo cartuchos; outras rasgando os seus finos lençóis e fazendo fios para os feridos, estas cozendo fornadas de pão com as suas criadas e mandando-o para o exército (...) as senhoras de suas casas, oferecendo, e dando, as suas cavalgaduras aos Eclesiásticos e aqueles que não podiam marchar a pé e todas unanimemente, como sexo pio, e devoto, orando para que sejam felizes as nossas armas" Assim, na circunstância, formaram-se unidades militares, como a de Frei António Nunes, prior de S. Domingos, ou do Cabido de Nossa Senhora da Oliveira, comandada pelo coronel João Ribeiro de Abreu, às quais se juntariam muitos voluntários. Paralelamente assomam também vozes críticas e discordantes como do frade dominicano Frei António Pacheco, cujos ecos de seus sermões chegariam aos ouvidos de Junot, que ordenaria a sua prisão. Todavia, como o corregedor de Guimarães não cumpriria a ordem, o frade acabaria por se alistar-se no exército de Freire Andrade, assumindo as funções de capelão e agente de ligação com as tropas inglesas. Todavia, o frade seria ainda um contestatário crítico da Convenção de Sintra (1808), que marcou o fim da 1ª. invasão francesa, tendo contestado o facto do general britânico Dalrymple ter permitido a retirada dos franceses de Portugal sem devolverem o ouro e outros valores roubados nas suas pilhagens. Frei António Nunes distinguiu-se ainda como autor da "História Crítica dos franceses em Portugal durante os anos de 1807 a 1811".

Henri Louis Loison 1771-1816 nos várias citações sobre esses tempos.



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 11

A COLUNA DE GUIMARÃES – Napoleão Bonaparte e as invasões francesas (continuação 2)

Outro nome de destaque nesta conjuntura sociopolítica é o do tenente-coronel Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, a quem foi conferida a patente de general e o comando da Coluna de Guimarães. Um exército improvisado, cujos soldados, “antes que marchem, vão rezar a Nossa Senhora da Oliveira, Padroeira do Reino, e de Guimarães.”

Uma coluna beligerante que pelo caminho em direção a Amarante, cresceria e engrossaria o seu cordão de povo armado, saído à rua ao som dos sinos a rebate das várias freguesias onde passava, nesses tempos quentes de Junho de 1808. Coluna que seguidamente avançaria até Mesão Frio, contra as tropas francesas do general Henri Loison, o famigerado e odioso “Maneta”, que posteriormente recuaria(m) para a Régua. Aí se travariam os primeiros combates, num dos quais o Capitão-mor Pimentel e Castro embosca o inimigo, matando vários oficiais franceses e ferindo o próprio Loison.

Porém, os franceses acabariam ainda por retirar para Lamego, perseguidos e apossados ao atravessar o Douro, deixando cavalos, ouro e prata roubadas e “mortos 14 dos seus soldados e 3 oficiais maiores, e outros cujo número não sabemos porque o povo raivoso os lançam ao rio Douro”.

Assim, entre os despojos ficaria também uma mala de marroquim do general Loison, contendo três fardas: uma permanece em Amarante em honra de S. Gonçalo, santo vimaranense e protetor dos minhotos; outra vem para a Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira; a terceira fica nas mãos de Frei do combatente, pregador António Pacheco, já anteriormente citado. Uma farda que seria espancada com um pau, na Igreja da Oliveira, durante a pregação de um sermão.

Depois, sucedem-se novas investidas e ciladas, num jogo do rato e do gato por terras de Entre Douro e Minho. Deste modo, as tropas de Guimarães guiadas pelos habitantes locais “encontram 4 franceses entre as vinhas repartindo os roubos da Régua e Peso (...). Caindo a multidão armada sobre eles matarão três e aprisionam um oficial inferior (que) fugindo com duas balas cravadas nos ombros alagado em sangue, mas caiu com uma foiçada que lhe deu um de Guimarães na cabeça”

Entrementes, a 23 de Junho, as tropas de Guimarães atingem Lamego, tendo o inimigo retirado. Então, “o povo de Guimarães, vendo que não podia ir mais longe na perseguição do inimigo, subiu aos altos cabeços (...) a ver fugir os adversários. E então soltavam grandes apupos e assobios”

A FESTA DA EXPULSÃO DOS FRANCESES

Como tal, em finais de Outubro de 1808, Guimarães celebra a restauração de Lisboa. Deste modo, para assinalar a expulsão dos franceses houve missa solene da Colegiada e “saiu uma esplêndida procissão que percorreu as principais ruas da vila”, cerimónias comemorativas que o Padre António Caldas no seu livro “Guimarães” descreve minuciosamente, como esta passagem exemplifica:

“ Na noite do dia 30, no espaçoso Campo da Feira, houve o mais esplêndido e aparatoso espetáculo de fogo de vistas; subindo então ao ar imensos foguetes com diversas representações e muitas vistas alegóricas, entre as quais se representava um renhido combate entre portugueses e franceses, acabando estes por cair vencidos; voando finalmente pelos ares, sobre duas girândolas de fogo, os generais Junot e Loison.

À frente deste campo formou-se um grande palácio, e sobre ele um torreão nobre, no qual se representavam os retratos de Sua Majestades e Altezas: e na sua frente avultava um grande quadro, que ardendo de repente, deixava ver em letras bem distintas este dístico: Viva a família real de Bragança! Viva! Viva!”

A 4 de Novembro ocorreriam ainda as solenes exéquias pelo eterno descanso dos que morreram no campo da batalha, bem como se distribuiriam muitas esmolas aos presos, pobres entrevados e mais indigentes da vila, à custa do D. prior e cabido.



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 12

AS NOVAS INVASÕES FRANCESAS (continuação 3)

No entanto, apesar da derrota, os franceses não desistiram e voltariam, em 1809, no mês de Março, avançando com uma divisão de cavalaria de Franchesi para ocupar Guimarães, cujas populações enterravam ou escondiam os seus haveres mais preciosos. Data dessa altura a ocupação do Porto, a 29 de Março e o terrível desastre da Ponte das Barcas, que cederia sob o peso da multidão em fuga.

Efetivamente, em 20 de Março, os franceses estão às portas de Guimarães, acampados em S. Martinho de Sande, onde fuzilam vários populares insurretos. E em 23 de Março uma das colunas comandada pelo general La Houssaye entra em Guimarães com cerca de 4 mil homens. Na altura acabam por roubar todo o tesouro da Igreja de S. Pedro, que fora escondido à pressa em S. Salvador de Pinheiro seria descoberto. Porém, acabam por passar despercebida cruz processional da Igreja de S. Miguel, escondida numa arca de cereais, bem como algumas peças preciosas patrimoniais da Colegiada que são enegrecidas e disfarçadas, iludindo os franceses.

Ainda, ao que consta, “no dia 13 de maio do dito ano, teriam entrado na igreja de S. Pedro, em que encheram toda a Igreja de cavalos, como também a sacristia, e levaram vários ornamentos e toalhas e foram ao sacrário e quebraram o santo lenho (...). Os altares apareceram cheios de milho e também toucinho (...) e o supedâneo onde se sentam os Padres às missas cantadas cheios de cinzas e carvões, que aí cozinharam”.

De facto dois meses depois, os franceses acabariam por sofrer novas e pesadas baixas na ponte de Amarante e são obrigados à retirada. Passam então novamente por Guimarães a 13 e 14 de maio, em fuga para Espanha, deixando sempre um rastro destruição por onde passavam. Assim seria, com efeito, na zona dos Couros, local onde ateariam fogo a vários estabelecimentos, já perseguidos pela cavalaria de Sir Murray que em 15 de Maio

Mas, até ao fim das guerras napoleónicas, esta seria a última vez que se meteriam com as gentes do Minho, com muitos deles (definitivamente) a serem mandados para o maneta ...

Outrossim, a 3ª. invasão francesa (1810-1811), sob o comando de Massena, que rumaria a Lisboa, acabaria igualmente por sofrer imensas perdas na batalha do Buçaco e deparar-se-ia com as fortes Linhas de Torres, defesas construídas por iniciativa de Wellington. Os intentos dos franceses seriam assim gorados, mas o país ficaria despedaçado economicamente e patrimonialmente delapidado. Portugal livrava-se dos franceses, mas permanecia controlado pelos ingleses, em especial quanto ao comércio com o Brasil ...



SUPLEMENTO GUIMARÃES - 13

O mau restauro do janelão da colegiada de Guimarães

O janelão da Igreja Nossa Senhora de Oliveira em Guimarães seria mais bonita com uma rosácea na fachada em vez de um muro (Crónica no Correio de Guimarães – Paulo Freitas do Amaral)
Abordo nesta crónica uma aberração arquitetónica que todos nós já reparámos mas não refletimos sobre o seu impacto para quem visita a cidade de Guimarães e sabe apreciar a vertente histórica e artística da cidade.

Falo-vos do muro construído dentro do arco na fachada principal da Igreja de Nossa Senhora de Oliveira.

Já lá vai o tempo em que foi feito o seu restauro mas parece-me a mim que a opção de se ter construído ali um muro, não foi a melhor, nem a mais estética para a uma Igreja que celebra hoje o aniversário em que foi classificada como Património da Humanidade da Unesco.

A solução que deveria estar presente na fachada da Igreja da Nossa Senhora de Oliveira deveria ser a de um vitral na fachada frontal da Igreja em formato de Rosácea. Houve tempos em já existiu ali uma solução semelhante, bem mais bonita do que a solução recente.

Não podemos desconsiderar que este “janelão” é alvo de apreciações de milhares de turistas todos os dias, num local de passagem obrigatória em Guimarães.

A solução da rosácea era bem mais artística do que o atual janelão assim como permitiria a existência de bastante mais luminosidade no interior da Igreja.

Ao que parece existe um argumento que tem a ver com a sustentação do órgão da Igreja que não permite que se faça ali novamente a construção da antiga rosácea. Mas não há nenhum estudo até à atualidade que ateste esta argumentação...

Numa conjuntura económica e social difícil como a que vivemos cabe às Instituições portuguesas locais e centrais em articulação com a Igreja, diligenciar junto das Instituições Internacionais uma intervenção que possa equilibrar uma solução de melhoria de um Património que não é só dos portugueses mas que também é de toda a Humanidade.

A elaboração de um estudo que permita a viabilidade de embelezamento desta fachada por um aparente erro de restauro parece-me importante para o embelezamento de Guimarães.



O anfiteatro romano de Pompeia

Projecto Bairro C está de volta

O projeto do Bairro C está de volta com um programa de atividades agendadas para os dias 14, 15 e 16 de maio, com o objetivo de refletir a Cidade sobre diferentes perspetivas e linguagens. Nesse âmbito, na sexta-feira (14 maio), realiza-se o lançamento oficial da publicação “Guimarães C Visível” e a primeira sessão do Ciclo de Conversas, a partir das 18 horas, no CAAA - Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, com a presença da Vereadora Adelina Paula Pinto.

“O Poliformismo da Cidade Criativa” será o tema para a primeira sessão do ciclo de conversas, com as intervenções de Eduardo Brito, Ricardo Vieira Lisboa e Alexandre Mendes, sob moderação de Paulo Lopes Silva. A entrada será limitada a 20 pessoas, e terá transmissão online. Ainda na sexta-feira, pelas 19h30, será inaugurada a intervenção de André Loba, com curadoria da Circus Network, junto ao Mercado Municipal.

No sábado, 15 de maio, Fruto de uma residência artística que partiu do trabalho realizado no "Descouroçar" de 2020, decorrerá uma performance da Ondamarela com os Jovens Cantores de Guimarães e habitantes de Couros, no Tanques de Couros, a partir das 17 horas. Segue-se a segunda sessão do Ciclo de Conversas, na Pousada da Juventude. O tema desta sessão é “Couros: um rio, um território e uma comunidade”, com intervenções de António Lamas, Ana Bragança e Carlos Ribeiro. A entrada é limitada a 20 pessoas, e terá transmissão online.

No domingo, 16 de maio, está previsto o concerto de Dada Garbeck para o lançamento do disco “The Ever Coming – Cosmophonía”, a partir das 18 horas, na Balckbox do CIAJG. Este evento está sujeito a pré-inscrição online, com entrada limitada a 80 pessoas. Entre o jazz, o profano, o transcendental e o meditativo, o músico vimaranense eleva a tradição oral e a cultura popular em composições à prova de bala que mostra o resultado da criação vimaranense apoiada pelo IMPACTA.

O Bairro C é um projeto do Município de Guimarães que pretende reinterpretar o território, com a potencialidade de sensibilizar a população para a importância histórica do património edificado, no âmbito de áreas como a Comunidade, Conhecimento e Criatividade.

Município de Guimarães Comunicação
e. comunicacao@cm-guimaraes.pt | t.
(+351) 253 421 200 | ext. 3126*1165
m. Largo Cónego José Maria Gomes | 4804-
534 Guimarães
w. www.guimaraes.pt | fb.
municipio.guimaraes.comunicacao

Tendo sido construído em 70 A.C., este anfiteatro é o mais antigo construído com pedra que temos evidência. Uma vez que no século I A.C. os projetos de construção de anfiteatros (característicos do Império) ainda não eram realizados.

Quinctio Valgo e Márcio Porcio construíram no com o seu dinheiro próprio. A sua arquitetura, com um terraço e com rampas, faz contraste com a dos do período do principado. No entanto, muitos elementos seriam assimilados pelos anfiteatros posteriores, como o "velarium", ou seja, a cobertura. O anfiteatro de Pompéia duraria aproximadamente cento e cinquenta anos, até seu subterrado pela erupção do Monte Vesúvio em 79 D.C.



Diana não era plebeia

Enquanto viva, criou-se o mito que Diana era apenas uma 'simples' plebeia, e esse mito é repassado até hoje. Na verdade, Diana era uma aristocrata, vinda de uma das famílias de maior 'linhagem' e prestígio da Inglaterra. Ela tinha como antepassado direto, o irmão de Georgiana Cavendish, Duquesa de Devonshire. Diana descendia de reis, de nobres e da gentry inglesa, além de morar em uma das maiores mansões particulares desta nação - com um acervo de obras de arte e artefatos históricos estimado em milhões de libras.



Na imagem: Uma montagem de Althorp House, lar onde Diana nasceu e viveu. Também foi o local onde, séculos antes, Georgiana Cavendish, a duquesa de Devonshire nasceu.

Foi dia do Bombeiro. Sabia que existem vestígios desde o ano XXI antes de Cristo de "quartéis"?

A 4 de maio, celebra-se o Dia Internacional do Bombeiro, profissão multifacetada e de grande importância, desde a Antiguidade. A criação de um grupo organizado de 'bombeiros' – os 'vigiles' – remonta ao ano 21 antes de Cristo, pelo imperador Augusto, com a função de garantir a vigilância noturna das ruas, realizando tarefas de segurança pública, bem como de prevenção e extinção de incêndios.

Dados os inúmeros incêndios que assolavam a cidade de Roma, o número de vigiles passou dos 600 escravos liderados pelos edis, para 7.000 homens, em 21 antes de Cristo, com uma brigada de incêndio chamada 'Vigiles Urbani'

Os Vigiles eram angariados entre os libertos que obteriam a cidadania romana, após seis anos de serviço (mais tarde reduzidos a três), e estavam divididos em coortes de 1.000 homens. Estes homens estavam equipados com postes, escadas e cordas (funes), grandes mantas (centones) que molhavam para sufocar as chamas, e utilizavam baldes e bombas de sifão, que se alimentavam da rede de água pública. Chegaram aos nossos dias vestígios dos quartéis destes bombeiros romanos – os 'excubitoria' (postos de guarda e armazéns), em especial em Roma e em Ostia, o porto da cidade. A designação destes quartéis deriva do latim "ex cubare", que significa dormir fora, vigiar, fazer a guarda.

Na imagem, o 'excubitorium', que ainda hoje é possível visitar em Roma, datado do final do século II depois de Cristo, que era a sede do ramo da coorte VII dos Vigili, que era responsável tanto pela extinção como pela prevenção de incêndios, bem como pelo serviço de segurança pública, especialmente à noite, na zona de Trastevere.

A descoberta deste quartel ocorreu nos anos 1865-1866, durante as escavações realizadas junto à Piazza S. Crisogono, em Roma, e foi restaurado em 1986.



Câmara de Braga e Universidade do Minho assinam protocolo – Arqueologia

O Município de Braga e a Universidade do Minho vão assinar amanhã, dia 4 de maio, um protocolo que visa a valorização do Núcleo Arqueológico de Santo António das Travessas, que regista uma ocupação continuada a partir dos inícios do século I depois de Cristo, com estruturas arqueológicas que potenciam a sua visita e sua integração na rede de oferta cultural e turística de Braga, em associação com as outras áreas arqueológicas já visitáveis em Braga.

Os trabalhos arqueológicos, aqui realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, e que contaram com o apoio do Museu, entre 2001 e 2002, proporcionaram um rico espólio arqueológico, muito dele em Exposição no Museu.

Saiba mais em: <https://www.cm-braga.pt/pt/0201/home/noticias/item/item-1-12167>





 **grupo isidoro**
GRUPO ISIDORO

REINVENTAMOS O PRESENTE, CONSTRUIMOS O FUTURO



globalsoft-cbsc
Cloud Business and Software Consulting





DESDE GUIMARÃES COM MÚLTIPLOS SETORES, PRESENTES EM VÁRIOS PAÍSES



Construção e conservação de obras rodoviárias e aeroportuárias



Obras marítimas, proteção costeira e marinas



Sinalização e segurança rodoviária



Requalificações urbanas e infraestruturas integradas



Habitação e Construção Civil



Infraestruturas elétricas e soluções de energia



Infraestruturas hidráulicas, águas e saneamento



Centros logísticos e empresariais



Complexos desportivos e soluções urbanas



Agropecuária e agricultura



Ambiente - Resíduos

Rua João Oliveira Salgado, nº 385,
4810-015 Costa - Guimarães
www.mca-group.com

O Grupo Correio de Guimarães passou a comercializar a revista Diplomática e a Eles e Elas. Faça já a sua encomenda!

www.facebook.com/correiodeguimararaes.com

Participe no nosso jornal:

Escreva-nos uma sugestão, um texto e/ou uma opinião e envie-nos para o endereço:

correiodeguimaraes@gmail.com

Proprietário Paulo Freitas do Amaral
Dep. Legal 454380/19
Diretor Paulo Freitas do Amaral
Impressão: Avegráfica



ELES & ELAS

